



# ○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 75\$00

## EDITORIAL

Um dos números das Festas do Senhor de Fão que mais agradou, pelo menos a nós, foi o Concurso de Montras. Os comerciantes locais capricharam a sério no responder ao convite que lhes foi feito pela respectiva Comissão e o resultado obtido ultrapassou as expectativas criadas.

É claro que «a coisa» deu trabalho, porventura alguns gastos, mas o certo é que os comerciantes de Fão revelaram mais uma vez o seu bairrismo e até uma certa maturidade cidadina que nos apraz registar. Não há dúvidas que o benefício resultou indesmentivelmente para a terra, mas os comerciantes foram positivamente afectados pelo êxito alcançado. Na verdade os concorrentes (é preciso lembrar que houve concurso) revelaram bom gosto, imaginação e arte, atributos que os compradores consignaram aos proprietários das lojas e, na mesma linha de extensão, os tornam credores da confiança que em regra é exigida por quem compra. Não é por acaso que frequentemente se diz: «Eu prefiro comprar naquela casa porque me inspira **confiança**. »

## COMERCIANTES: DIREITOS E DEVERES

Tanto quanto nos apercebemos, nem todas as casas comerciais aderiram a esta iniciativa. Por negligência, por falta de bairrismo, por falta de tempo, de inspiração, por distração?

É possível que por todos esses factores.

Ora os comerciantes de Fão que configuram aquele estrato histórico a que chamamos burguesia, por isso mesmo, têm obrigações para com a terra onde exercem o seu múnus.

Historicamente verifica-se que foi a classe burguesa que mais contribuiu para valorizar as respectivas terras, quer do ponto de vista intelectual quer ainda do ponto de vista social. Não é preciso ir mais longe. Basta recordar o que aconteceu no Renascimento, uma época de esplendor tanto no âmbito da cultura, como da arte, e ainda na dignificação do próprio homem. Onde floresceu ele primeiro? Foi em Roma, em Florença, em Veneza, em Génova, em algumas cidades alemãs e igualmente nos Países Baixos. Não se julgue que foi por acaso. É que nessas terras, nesses países, a burguesia tomou a dianteira às outras classes sociais, e foi ela que esteve na base dessa erupção das artes, da ciência e também das letras. É verdade que em Roma os chamados «Papas do Renascimento» foram mesmo excepcionais mas a burguesia era igualmente forte e deu o seu empurrão no comboio do progresso.

Daqui se infere que historicamente os comerciantes de Fão, muito embora representem uma burguesia de via reduzida, têm o dever moral e histórico de ajudar a terra em tudo o que concerne ao seu prestígio.

Há ainda uma outra imposição que nós re-

(Continua na pág. 2)

## O 7.º ANIVERSÁRIO DO «NOVO FANGUEIRO»

Mais uma vez se realizou o jantar de confraternização, no Hotel do Pinhal para comemorar o aniversário deste precioso e simpático jornal.

Por CECÍLIA PAIXÃO DE AMORIM

Poucos faltaram à «chamada» por motivos justificados; em contrapartida havia novos convidados.

Foi um prazer. A ementa escolhida pela administradora do jornal, a nossa querida Zita Saraiva, era de mestre.

Tudo bom, gostoso e melhor apresentado. Os aperitivos estavam óptimos e quase bastavam...

Conforme chegavam os convidados, havia uma explosão de alegria, muitos abraços e manifestações de boa amizade.

inestimável chefe da Redacção, Ex.ma sr.ª dr.ª Maria Emília Corte Real, a pedido dum colaborador, entregou-lhe uma salva de prata, como lembrança desta data.

Como todos os anos acontece, o sr. Fernando Almeida foi o autor desta gentileza. Novos aplausos.

Foram lidos a seguir umas singelas quadras para comemorar a data, pela própria autora.

Mais aplausos.

Teve depois direito ao seu «tempo de antena» o Quim de Fão. Como sempre as suas farpas atingiram os alvos e muita coisa foi mencionada.

Criticou o que está mal e errado, mas também fez elogios ao que de bom se tem feito na terra.

O representante da Junta, também disse da sua justiça.

Revelou projectos, lembrou o que já se fez



A Chefe de Redacção entrega ao nosso Director a taça comemorativa do sétimo aniversário. Oferta de Fernando Almeida

Foi bom rever rostos amigos, trocar impressões e principalmente sentir que, à volta do «Jornal» há um propósito unânime: trabalhar para o enriquecer, rodeá-lo de muito carinho e esforço e fazer dele um marco indispensável, nesta terra que todos amam e que não pode parar.

Descrever o que foi e o que se passou não é fácil.

A boa disposição era geral. Todos fizeram honras ao jantar. Depois do café, começaram os discursos. Abriu o «tempo de antena» o Director do jornal, sr. dr. Armando Saraiva, que com uma boa disposição invejável, dissertou sobre o passado, presente e futuro do «Novo Fanguero. Foi muito aplaudido. Depois a

e o que está já na forja. Um discurso conciso e directo como é seu apanágio.

Houve depois um espaço para a poesia. Um velho amigo do jornal, recitou um poema que a todos encantou.

Parabéns, sr. Almeida.

Outros convidados usaram da palavra, entre eles o Eng. Armando Ramos Assunção que dissertou sobre vários temas ligados à secção de agricultura. Fez também uma chamada de atenção, ao digno representante da Câmara para a situação dos jornais regionais e para a luta que a sua sobrevivência impõe. Falou na possibilidade dum subsídio e ajudou à imparcialidade que devia existir na distribuição dos

(Continua na pág. 2)

## O 7.º ANIVERSÁRIO

(Continuado da pág. 1)

editais camarários e do Tribunal pelos jornais da região. Foi muito aplaudido, seguindo-se uma pausa para graças e anedotas. Outros convidados agradeceram os convites e fechou o círculo das intervenções o representante da Câmara de Esposende.

Falou da posição da Câmara, das suas possibilidades e do papel importante dos jornais regionais. Foi ouvido atentamente e muito aplaudido.

Era meia-noite quando o jantar acabou, mas só depois de se ter cantado «os parabéns a você» distribuído o bolo de anos e brindado ao jornal.

Foi uma verdadeira festa.

Não quero deixar de elogiar e agradecer ao pessoal do Hotel do Pinhal as atenções e a eficácia do seu serviço.

Parabéns também.

Depois, enquanto descíamos a escadaria do Hotel, e face à noite que estava maravilhosa, gerou-se o desejo de prolongar a festa noutra lugar.

Acabámos na «Lareira», onde ouvimos fado num ambiente verdadeiramente alegre e acolhedor.

Também cantamos e petiscamos. Eram 4 da manhã quando nos despedimos do grupo composto por 12 pessoas.

Parabéns ao «Novo Fangueiro» e ao seu Director. Até ao ano se Deus quiser.

## Notas à margem

*O Eng. Assunção Ramos defendeu a necessidade de um subsídio a conceder pela Câmara aos jornais da região.*

*O Director de O Novo Fangueiro, por seu lado, interpetou a concessão feita aos jornais de editais camarários como uma forma de auxílio feita pela Câmara, só que aqueles que têm sido enviados a O Novo Fangueiro pecam pela sua raridade.*

*Acontece ainda que por vezes esses anúncios chegam depois do dia 10, altura em que o jornal vem para a rua, e tem um prazo de interesse apenas até ao fim desse mesmo mês, o que os torna impubescíveis.*

*A intervenção do representante da Câmara foi no sentido de defender a concessão de subsídios, tal como fora lembrado pelo responsável da Folha Agrícola.*

★

*O engenheiro Assunção Ramos defendeu a necessidade de um subsídio a atribuir pela Câmara aos jornais da região.*

*O Director de O Novo Fangueiro não perfilhou essa ideia porque isso podia condicionar a liberdade que se exige a um jornal. No entanto aludiu à distribuição que se tem feito dos editais camarários pelos jornais da região, o que constitui uma preciosa ajuda. Defendeu a ideia de que essa distribuição devia ser equânime, tendo em conta, é certo, a periodicidade das publicações. Pelo que toca a O Novo Fangueiro, lembrou que o mesmo tem sido contemplado, por esses editais, dentro de uma escala miserabilista e às vezes sucede até que absurdamente o número aparece num prazo que o torna impubescível: o anúncio chega depois do dia 10, data do aparecimento do jornal, para ser publicado antes do próximo dia 10 do mês seguinte.*

## EDITORIAL

(Cont. da pág. 1)

clamamos de dedutiva ou lógica. Com efeito o Quim de Fão na altura das suas charlas mais percucientes, reclamava dos fangueiros a obrigação de efectuarem as compras nos estabelecimentos locais e isto para ajudarem o comércio da zona. Por que nos interessa a nós que os homens de negócios tenham sucesso? Por que temos de contribuir para isso? É que desejamos uma contrapartida: que esses negociantes contribuam para o desenvolvimento social do burgo.

Digamos de outro modo: o direito de que se reclamam os homens de negócios de exigir que os conterrâneos gastem da sua casa, impõe-lhes o dever de ajudarem a comunidade onde estão inseridos nos mais diversos aspectos: social, cultural e artístico.

## DE FÃO A LISBOA

(Continuado da pág. 8)

Vir embora?

Ainda não...

Mais um lanche! E, finalmente, o passeio pelo Jardim Zoológico em visita a todos os animais. Parece que foi de encomenda o humor dos macacos, para aquela tarde, bem como o dos chimpanzés e gorilas. Por vezes zangados, tinham expressões e atitudes quase humanas. Pediam amendoins, batiam palmas, eu sei lá, também eles quiseram abrilhantar este passeio e esta tarde das nossas crianças. Os ursos, de pé, tão meiguinhos, a brincar, o elefante a tocar a sineta, a girafa tão esguia (— sr.ª professora, não me vai caber na máquina, o pescoço todo!), o cemitério dos cães...

Era preciso voltar!

### DE ONDE VENS, MARIA? DA FEEES...TA.

De novo, nos autocarros, agora era a última etapa — Santa Apolónia!

Cansados, mas felizes, estafados, mas muito mais enriquecidos. Da parte do sr. Sá Pereira, lá estava um Senhor, a receber-nos e a acompanhar-nos até o comboio partir.

Sentados de novo em seus lugares, há que pôr as ideias em ordem, há que trocar impressões. Revêem-se as lembranças compradas, mas... tiram-se de novo as cartas: a viagem é longa.

Lá vêm os pasteizinhos de bacalhau, não sem antes, as devidas recomendações para a maneira como devem manter o chão impecável. Todos em família (de novo a carruagem era só nossa). Comeu-se, falou-se, jogou-se, dormiu-se, mas há muitos meninos e meninas que se mantiveram acordados até... Campanhã!

Sim, chegamos!

Caras conhecidas, rostos amigos. Pode lá ser? Pais e familiares de alguns, ali estavam...

Toca a sair! Tudo correu bem! O Sr. Sá Pereira, presente (creio que ele sofreu muito com esta viagem..., para a próxima, vai connosco) e trazia mais um rebuçado para cada um; o Sr. Dr. Saraiva, entrevista e fotografias. À espera, os autocarros da Câmara, para a viagem de regresso.

Até sempre, Lisboa!



### HOTEL DO PINHAL

OFIR - FÃO - 4740 ESPOSENDE  
TEL. 053 - 96 14 73/4  
TELEX 32857



Em plena Costa Verde, num pinhal com uma área privada de 40.000 m<sup>2</sup>, frente ao belo estuário do Cávado, a 300 metros do mar e da típica Vila de Fão. ★ Dispõe ainda de uma reserva natural privada com 100.000 m<sup>2</sup>, a 2 km, no final de uma pequena península, que separa o rio do mar, com extensas praias desertas; passagem das aves migratórias; ideal para o hipismo, pesca e todos os desportos náuticos, bem como para o repouso. ★ No Hotel de 1.ª classe, 100 quartos, suites e apartamentos; restaurante e grill panorâmicos com grande (Chaine des Rôtisseurs); bar; pub com música ao vivo; snack com esplanada; bofe com animação periódica. ★ Salões para banquetes e conferências de 10 a 500 pessoas. ★ Galeria de arte; salas de convívio, de leitura, de jogos de sociedade e de televisão, separadas. ★ Boas Condições para deficientes. ★ Campo de jogos (medidas oficiais para futebol), ténis, badmington, ping-pong; 2 piscinas com jardins e amplos relvados. Óptimo para crianças (bab-sitter opcional). ★ Parque de estacionamento privativo e garagens individuais.

Outras facilidades: Golfe, hipismo, equipamento náutico e pesca, bicicletas, rent-a-car e excursões organizadas ★ Casino e mercado típico (15 km) ★ Aeroporto internacional (35 km) ★ Caves de Vinho do Porto (50 km) ★ Galiza (75 km).

# DE APÚLIA

**CASAMENTO** — No dia 11 de Maio, último, na Basílica de Santa Luzia, Viana do Castelo, consorciaram-se os jovens **ARTUR JORGE MIRANDA ROSA**, e **MARIA ROSA DUARTE BARBOSA**.

A nubente, natural de Apúlia, é filha do Senhor João Ilídio Miranda Barbosa, e de D. Maria Angelina Miranda Duarte, importantes comerciantes da nossa praça; o noivo, natural de Palmeira de Faro, Esposende, é filho do Senhor Manuel Gonçalves Rosa e de D. Laurentina Nogueira de Miranda.

Ao núbil casal, que fixou residência em Esposende, desejamos as maiores felicidades.

**FALECIMENTOS** — No dia 17 do passado mês de Abril, no lugar de Paredes, faleceu a Senhora **DEOLINDA GOMES PIMENTA**, nascida em 26/01/909, filha de Bernardo Gomes Pimenta e de Joaquina Gomes Vasco.

A extinta, viúva de Inácio Alves Ribeiro, sofria há muitos anos de doença mental.

— Na rua do Cónego (Lugar da Areia), faleceu inesperadamente, o senhor **JOSÉ PEREIRA QUEIROGA**, nascido em 11/12/941, filho de Amândio Jesus Alves Queiroga, e de Teresa de Paços Pereira, falecida.

Deixa viúva a Senhora Maria do Carmo Moreira da Costa, e orfãos 3 filhos de tenra idade.

O «Zé Tété», como por todos era conhecido, morreu novo, quando tanto ainda tinha para dar à comunidade. Era um homem inteligente, muito educado, bastante culto, e defensor acérrimo das coisas e das gentes de Apúlia. Faleceu em 19 de Abril deste ano.

— Ainda no lugar da Areia (Rua do Cruzeiro), faleceu em 2 de Maio, a Senhora **MARIA DIAS RIBEIRO MACHADO**, casada com Isaias Torres Moreira.

A extinta, que nasceu em 18/08/920, era filha de Joaquim Manuel Machado e de Maria Ribeiro Carvalho.

— Também no lugar da Areia (Rua do Cónego), faleceu a Senhora **ANA MOREIRA PASSOS**, no dia 6 do mesmo mês de Maio, casada com o Senhor Zacarias Moreira de Carvalho.

Era natural de S. Paulo, Brasil, onde nasceu em 17/05/910, e filha de Manuel Gonçalves de Passos, e de Joaquina Moreira Passos.

— No lugar de Criad, no dia 7 do mesmo mês de Maio, faleceu a Senhora **MARIA RODRIGUES VENTURA**.

Era filha de José Domingues de Miranda e de Maria Rodrigues Ventura, e viúva de José Francisco Leite. Ia completar 81 anos de idade no dia 16 do próximo mês de Setembro.

Os pésames deste Jornal e do seu correspondente, para todos os mais próximos familiares destes apulienses desaparecidos.

**APÚLIA DE LUTO** — A notícia não é nova. Já foi motivo de muitas lágrimas, de consternação e de muita dor.

Quatro apulienses morreram na estrada, quando a pé (3) e de bicicleta, se encaminhavam em peregrinação a Fátima. Os primeiros a morrer, atropelados por carro ligeiro conduzido por autêntico

**NANDA TOMÉ DE ALMEIDA**. Ele nasceu a 12/03/947, e ela em 30/03/949.

No dia seguinte, 6 de Maio, também vítima de acidente de viação, viria a falecer o Senhor **JOSÉ GONÇALVES RIBEIRO**, nascido em 20/04/930. Era



José Ribeiro

Albertino Souto

casado com a Senhora Maria de Lurdes Pereira da Silva Lima.

Também morreu a caminho de Fátima, de doença súbita, quando de bicicleta se dirigia para o Santuário de Fátima, o senhor **ALBERTINO FERREIRA DOS SANTOS FRADIQUE** (o Tino Souto), viúvo de Clementina Ferreira da Silva, que ele próprio assassinara há anos, a tiros de arma caçadeira.

Porque a história também se faz de coisas dolorosas, aqui deixamos, mesmo tardiamente, este apontamento, ilustrado com as fotografias daqueles nossos conterrâneos.

E que todos eles possam ter agora a paz, que nem todos tiveram na vida.

**DESPORTO EM APÚLIA** — O Grupo Desportivo de Apúlia, terminado o Campeonato Regional de Braga, conseguiu manter-se na 1.ª Divisão. Mas, atletas e Dirigentes, tiveram que lutar muito, porque as «coisas» chegaram a estar feias, e, em alguns casos por culpa de certas arbitragens, que, não é de agora, sempre favorecem os clubes da periferia de Braga.

Assegurada a permanência com uma vitória sobre os Ceramistas por 2-0 no último desafio, disputado em Apúlia, a Direcção reuniu-se com os jogadores e técnico num restaurante local, onde um bom repasto serviu para convívio franco e são, e para cimentar amizades existentes entre jogadores, treinador, massagista e enfermeiro, roupeiro, e Dirigentes.

Nesse último desafio a Direcção do Clube ofereceu os sócios e simpatizantes, com alguns bons melhoramentos, como são o caso da cobertura da bancada, da separação do terreno de jogos por muro de cimento, do arranjo do piso do campo e da nova e imponente electrificação, já montada, em quatro enormes torres de cimento armado, melhoramentos que vieram dar uma certa imponência ao Campo dos Sargaceiros, agora um pequeno estadião.

No Sábado dia 8 de Junho, na Sede da junta de freguesia, realiza-se a primeira assembleia geral deste ano. Motivo, aprovação das contas da gerência, e eleição dos novos Corpos Gerentes para a próxima época.

Que a presente Direcção, para quem Apúlia contraíu uma enorme dívida de gratidão, sinta nesta assembleia, ou nas que se vierem a seguir, o conforto de muitas presenças. Vamos todos saber agradecer a quem tanto e tão bem trabalhou em prol da nossa terra.

## AINDA A VIA FADO

Disse-nos, num encontro casual, o Inocência a quem nós chamámos Florêncio, que afinal estava lá (na Via Fado), e que cantou. Ficámos contentes. O Inocência tem uma voz inconfundível. Ouve-se com agrado. Ainda bem que não foi esquecido. E que o Marco Reis não fez uma perninha: fez uma pernona. Aí, seu baiano! Velhos são os trapos!...

## Pagaram a assinatura

1991 — Cândido Gaifém Costa, Porto, 750\$00; Dr. Milton José Sousa Pinho, Esposende, 750\$00; Manuel Ferreira do Vale, Fão, 750\$00; Manuel da Costa Figueiredo, Fão, 750\$00; António da Fonte Gaifém, Fão, 750\$00; Evangelista Jesus da Silva, Fão, 1000\$00; Joaquim Oliveira Lima e Costa, Póvoa de Varzim, 750\$00; Fernando Pedras, Fão, 750\$00; Sérgio Manuel Alves Branco, Póvoa de Varzim, 750\$00; Manuel Ferreira Curto (Casa Bom Jesus), Fão, 750\$00; Farmácia Apuliense, Apúlia, 750\$00; D. Olívia Araújo, Porto, 750\$00; Carlos Maia, Fão, 1000\$00; António Lopes Monteiro, Barcelos, 1200\$00; Manuel Afonso Novo, Braga, 1000\$00; Fernando Linhares de Castro, Póvoa de Varzim, 750\$00; Joaquim Real Moraes, Coimbra, 750\$00; Prof. Doutor José Cardoso Morgado, Porto, 1000\$00; Arlindo M. Fernandes Cruz, Porto, 1000\$00; Alfredo Palmeira Machado, Fão, 750\$00; Vidrozende, Esposende, 1000\$00; Cândido Teixeira, Brasil, 1000\$00; Júlio Morgado, França, 1000\$00; Ramiro Capitão, Austrália, 1000\$00; Júlio Graça do vale, Fão, 800\$00; Quebor Gomes Ribeiro, Fão, 750\$00; José Guimarães, Porto, 750\$00; Dr. Jorge Aretas, Porto, 750\$00; José Martins Correia, Espinho, 750\$00; D. Ana Figueiredo, Fão, 750\$00; D. M.ª Emília Viana Esbojeira, Brasil, 1000\$00; Valdemar Machado Viana, Brasil, 1000\$00; Farmácia Higiénica, Fão, 1250\$00; João Francisco Fernandes, Fão, 1000\$00; Casa Aurélio, Fão, 750\$00; Ernestino Magalhães, Fão, 750\$00; Artur Sobral, Fão, 1000\$00; D. M.ª de Fátima Solinho, Martins, Suíça, 1000\$00; Aleixo Manuel Fortes Ferreira, Braga, 1000\$00; Óptica Oliveira, Lda., Braga, 1000\$00; Miguel Machado, Braga, 1000\$00; Dr. João Amândio T. G. Bettencourt, Lisboa, 900\$00; Fernando Marques Ferreira de Almeida, Porto, 1000\$00; P. e Denis de Vilarelho, Gondomar, 1000\$00; João Barros, Matosinhos, 3000\$00; Dr. Joaquim Vinha Novais, 1000\$00; Manuel Parente Oliveira, Porto, 750\$00; D. M.ª Fernanda Fortes Calisto das Neves, Póvoa de Varzim, 750\$00; Domingos Campos Monteiro, Brasil, 1000\$00; Adelino Campos Monteiro, Fão, 750\$00; Com.te Carlos Bacelar Pires, Braga, 750\$00; Desembargador José Ramos da Fonseca, Fão, 2500\$00; D. Orentina Gomes Carlos, Braga, 750\$00; D. Laurentina Ribeiro da Silva, Fão, 750\$00; António Jerónimo de Barros Peixoto, Fão, 750\$00; José de Sá Pereira, Fão, 750\$00; D. M.ª Arlete Carneiro Fernandes, Porto, 750\$00; Carlos Barra Reis, Fão, 750\$00.

## CARTAS AO DIRECTOR

(Continuado da pág. 14)

Esta amostra dará aos Fangueiros (pensamos que sim) a explicação do porquê das quadras omitidas.

Para nós era autêntica «velada» pornográfica, portanto para maiores de 18 anos, e daí dizermos não aos novos paladinos da riqueza e poder!

Fangueiros, a porta ainda está aberta para que nós, apesar de conscientes das distâncias e das nossas limitações, possamos sempre dizer «FORÇA FÃO».

ARMANDO SOLINHO

e

ARMANDO BARBOSA



Maria Fernanda

Manuel André

louco, foram os Senhores **MANUEL OLIVEIRA GONÇALVES ANDRÉ**, e sua esposa **MARIA FER-**

# O SENHOR BOM JESUS DE FÃO

O Senhor Bom Jesus de Fão é uma imagem bela e antiga do Senhor dos Passos, cujo rosto exprime profunda tristeza.

É venerada há longos séculos pelas gerações de fangueiros e das povoações da orla marítima, com destaque para os pozeiros.

Não se conhece a sua origem, havendo uma tradição vacilante de que foi feita na Inglaterra embora alguns afirmem ter sido esculpida em Viana do Castelo. A lenda tende a associá-la às imagens do Bom Jesus de Barcelos e de Matosinhos e, como este é atribuída a sua confecção a Nicodemus, que ajudou a despregar Cristo da Cruz, daí o Bom Jesus de Fão ter sido lançado ao mar em Itália, devido às persiguições dos iconoclastas...

Ora sucede que as correntes marítimas, à superfície, são do Atlântico para o Mediterrâneo, o que destrói a hipótese da Itália..., de Inglaterra talvez...

A lenda de Matosinhos atribui o achado da imagem ao século X, sendo encontrada pelas freiras do Convento de Bouças sem um braço! Foi colocada na Matriz em 1550.

A de Barcelos é devida ao cinzel de Giuseppe Berardi (1875).

Como não se pode provar a origem da Imagem do Senhor Bom Jesus de Fão alguém deve ter-se aproveitado da lenda de Matosinhos e a aplicado a Fão. E, como os lombardos investiram contra Roma em 754/756 e entre 725/842 os imperadores bizantinos (Império Romano do Oriente) ordenaram a destruição de todas as imagens, era fácil deduzir-se o lançamento ao mar da Imagem, para obstar à sua destruição.

Em Inglaterra a perseguição feroz aos Católicos, ordenada por Henrique VIII (a partir 1533 até 1547) e Isabel (1558/1603), também pode ter provocado lançamento de imagens ao mar.

A lenda conta que a Imagem foi encontrada por uma mulher das Pedreiras, entre garvalhas, na margem do rio e que outra mulher pobre, do mesmo lugar, encontrou, dias depois, o braço que faltava. Usou-o como lenha, no lume, mas, não só não ardeu como saltou para fora da chama. Impressionada e surpresa, lembrando-se do achado da Imagem, correu a verificar se era o braço que faltava. Ajustou-se perfeitamente!

Antigamente havia em Fão muitos paus, facilmente inundáveis pelas águas das marés, o que sucedia ao terreno onde está a capela do Senhor Bom Jesus.

Uma imagem, caída ou lançada ao mar, podia subir o rio com a maré e, quando esta baixasse, ficar retida num dos lameiros.

Antigamente era frequente colocar-se na proa dos barcos uma imagem de um santo ou de um deus pagão. Se um barco tivesse naufragado a imagem voltava-se e dava à costa.

As características da Imagem tem levado alguns a supor que fora esculpida para ser colocada num barco ou em local estreito.

Como a Imagem era difícil de encarnar, por estar ensalitrada, é fácil acreditar que tivesse boiado nas águas do mar.

Documento autêntico regista apenas que a capela primitiva já existia em princípios do século XVII, pois existia no demétrio da Capela-mór um monumento funerário do qual constava «Sepultura de Paulo Carneiro de Figueiredo e seus herdeiros in perpetuum ano mil seiscentos e vinte e seis». Se havia sepultura é porque havia capela. Certamente tratava-se do fundador da Capela. Devia ser um

fidalgão da Casa de Senra, Vila do Conde, que possuía propriedades em Fão.

A tradição esclarece que primeiro fizeram um nicho, onde colocaram a Imagem do Bom Jesus e só mais tarde fizeram a primitiva capela, cuja origem já era desconhecida em 1710.

A atribuição da origem a Viana do Castelo deve estar relacionada com a compra de uma imagem do Senhor dos Passos, para os Passos da Semana Santa, oferecida à Irmandade em 1865 por Luiz Leite Mariz e que custou 56\$000 reis.

Em 1849 João dos Santos Cardoso legara ao Bom Jesus 600\$000 reis para mandar dizer cinco sermões da quaresma com obrigação de um Padre Nosso e uma Ave Maria em cada sermão e de armar o «Passo» e acender a cera durante os sermões, que deviam realizar-se na Igreja Matriz. A oferta da imagem do Senhor dos Passos deve ter sido feita para facilitar à Irmandade o cumprimento deste legado. Onde estará esta imagem?

Há ainda uma pequena imagem do Bom Jesus, que é costume ficar na casa do Juiz da Irmandade e que foi oferta de José Henriques de Casaes, que a adquiriu em Braga em 1885.

Na capela, altar da Senhora das Angústias, existe uma bela imagem de Nossa Senhora das Angústias, adquirida em Braga em 1752 por 35.540 réis. A da primitiva ermida estava neste altar desde 1722.

No altar do Senhor da Agonia há três imagens, da primitiva capela, que são a do Senhor Crucificado, a de S. João Evangelista e de Nossa Senhora das Dores. Este altar ficou pronto, com a estrutura actual, em 1759. Não há registo da compra destas imagens.

O antigo altar-mor, que, por apodrecimento do madeiramento, foi substituído pelo actual na gerência de 1831/1833, tinha uma pequena imagem de Santa Rita, que tinha oficiais para lhe fazerem festa anual. Em 7-10-1743 um raio caiu na capela e, entre outros estragos, deitou por terra esta imagem, que ficou danificada. Mais tarde foi recolhida para a casa das alfaias.

**FESTAS** — Anualmente, a 2 de Maio, o povo, reunido em assembleia geral, elegia os mordomos do Bom Jesus, que tinham de organizar as festas. Eles recebiam os clamores, guardavam os paramentos e apresentavam-nos aos clérigos para os actos de culto. A administração da Capela cabia ao Pároco de Fão. Só em 1707 é que os mordomos passaram a arrecadar as esmolas para as obras e actos de culto e a administrar a Capela (antiga, pois a nova só começou a ser construída em 1710, sob orientação e administração dos mordomos).

Fundada a Irmandade entre 1711 e 1714, os mordomos ficaram a ser apenas «festeiros» e a administração dos bens passou para a Mesa, constituída por Juiz, secretário e tesoureiro. Os mordomos passaram a conselheiros dos mesários, depois passaram a zeladores e com a reorganização dos estatutos adquiriram as funções de mesários. Foram então criadas Comissões de Festas.

No século XIX havia mordomos nas terras do litoral e eram mordomos também todos os mestres das lanchas de Fão e da Póvoa de Varzim, que contribuíam com uma percentagem do pescado para a Irmandade e para as Festas do Bom Jesus de Fão.

É de supor que os clamores, que acorriam a Fão quase diariamente nos fins do século XVII, eram organizados pelos mordomos. De-

ve ter havido qualquer acontecimento importante e extraordinário, que fomentou esta corrente de clamores. A sua maior afluência tinha lugar no dia das festas do Senhor de Fão.

Os clamores foram proibidos por portaria de 28-5-1910 do Arcebispo de Braga D. Manuel Batista da Cunha (conservou só os de Melgaço, para templo local). Tal facto prejudicou muito, durante vários anos, o esplendor das Festas, que, mais uma vez tiveram lugar em 1991.

CARLOS MARIZ

## AUMENTE O SEU COLESTEROL!

Para o vosso colesterol, aqui vai mais esta contribuição, com os votos de uma razoável subidinha:

### SONHOS

Ovos - 4.  
Água - 1 decilitro.  
Farinha - 12 colheres de sopa.  
Manteiga - 1 colher de sobremesa.  
Casca de 1 limão.

Coze-se a farinha em água a ferver, onde já se tinha deitado a manteiga e a casca do limão. Depois de bem cozida, deixa-se arrefecer.

Depois de fria, vão-se juntando os ovos, um a um, e tende-se muito bem a massa.

Deixa-se repousar um quarto de hora e a seguir fritam-se os sonhos.

Para merendar, com o chazinho, ficam muito bem estes.

### BOLACHAS ECONÓMICAS

Açúcar - 250 gramas.  
Farinha - 500 gramas.  
Manteiga - 100 gramas.  
Leite - 1,2 decilitro.  
Fermento - 1 colher pequenina.

Mistura-se a manteiga com o açúcar, junta-se o leite morno, depois a farinha com o fermento e uma pitada de sal.

Logo que a massa ligue, trabalha-se, estende-se como rolo e cortam-se as bolachas finas, que vão ao forno em tabuleiro polvilhado com farinha de trigo.

E é tudo. Um abraço da

TIA MARIQUINHAS

## ENTRE NÓS

Acompanhado de sua esposa, Idalina Cardoso Torres Salgado, encontra-se em Fão o nosso conterrâneo Carlos Cardoso Salgado que têm a sua residência habitual no Rio de Janeiro.

Desejamos uma longa e apetecida estadia.

— Para assistirem ao enterro de Arlindo Cardoso estiveram entre nós Delfim Ferreira e sua esposa Maria Arlinda Cardoso e ainda José Faria, também acompanhado de sua esposa Maria Cândida Cardoso.

Os dois casais residem habitualmente nos arredores de Paris.

## AGRADECIMENTO

A família de Arlindo Lopes Cardoso vem por este meio agradecer a todas as pessoas que, no transcurso doloroso por que passou, lhe manifestaram toda a sua solidariedade e carinho.

# PÁGINA JOVEM

## PAUSA PARA SORRIR

**Olá, jovens! Que tal este calor, a pedir praia? O pior é que agora ainda não pode ser, mas um pouco mais de paciência, que o ano escolar está quase no fim e depois é a merecida compensação das férias. Os melhores êxitos, são os nossos votos!**

## ONDE ESTÃO OS VENCEDORES?

Por FÁTIMA RODRIGUES

A guerra estalou, com todos os seus horrores.

De ambos os lados houve baixas numerosas, elevados danos materiais, mas cada um dava as informações à sua maneira, falseando os números reais.

Todos diziam querer a paz, mas continuavam a guerrear, matar e destruir.

Todos diziam querer a liberdade, mas nas suas bagagens só havia mísseis e terror. Os prisioneiros eram exibidos como troféus perante as câmaras de televisão.

Usavam termos como «atacar» e «libertar», como se fosse possível reunir estas duas palavras na mesma frase!

Milhares de jovens vestiram as fardas e partiram, de arma às costas. Deixaram tudo e partiram, com a alma apertada na dor do último abraço materno. Partiram na incerteza do regresso.

Na areia do deserto ficaram milhares de cadáveres; lançou-se petróleo ao mar; incendiaram-se poços dele. Travaram-se batalhas sangrentas.

A bela cidade de outrora é agora um cemitério em chamas. Há quem grite: — «VITÓRIA!» — Mas onde estão os vencedores? Quem pode trazer de volta as vidas perdidas? Os biliões de contos gastos em material bélico, a quantos milhares de homens matariam a fome? Quem poderá repor nos poços o petróleo queimado? Quem dará ao Oceano o verde das águas, a vida aos peixes sem vida?

As nuvens de fumo tornam-se muito pesadas para nós, que gostamos de ver o azul do céu sobre uma terra verdejante!...

ESTA FOLHA TEM O  
PATROCÍNIO DE:

Impetus 

## CAMINHO PARA O PARAÍSO

*A árvore começou a ser inundada por labaredas,  
Por línguas de fogo, lentamente e impotente.  
Esperou apenas que os recortes  
Da morte tocassem a sua pele rugosa e frágil,  
Para destruir o suporte que a agarrava  
A esta ilusão de vida,  
A este mundo cruel e ingrato.*

*Os seus ramos, como ondas de pensamento  
Que se ramificam e espalham  
Na noite escura até não se verem mais,  
De tão finos,  
Começam a ser atingidos,  
As folhas, quais sonhos incertos e livres,  
Caem e estalam numa fogueira,*

*Ficando atiradas no chão.  
A árvore morre.  
A árvore está morta.  
Nunca mais a veremos,  
Nem sentiremos a sua companhia sossegada.  
O fumo que se soltou  
Dirigiu-se ao céu.*

*E se há lá um Paraíso,  
O fumo que resultou  
Da destruição do seu corpo,  
Levou a árvore  
Para o lugar  
Mais ambicionado  
Pelos homens que a destruíram.*

Poema de Marta Mariz Mendes (15 anos), que foi a representante da «Página Jovem» no jantar comemorativo do 7.º aniversário deste jornal.



Desenho de Isabel M.

Dois indivíduos muito ricos conversavam, na sala de visitas da luxuosa casa de um deles acerca do pessoal doméstico, atribuindo-lhe defeitos e criticando-os sem piedade.

A certa altura, diz o dono da casa ao amigo:

— «O meu motorista é a coisa mais estúpida que se possa imaginar. Quer ver?» — e acto contínuo toca a campainha.

Aparece uma empregada, solicita:

— «O senhor chamou?»

— «Chamei, sim. Diga ao motorista que venha cá, e depressa».

— «Sim, senhor» — apressou-se a empregada a responder e lá foi cumprir a ordem do patrão.

Passados momento, aparece o motorista:

— «V. Ex.ª chamou-me?»

— «Chamei. Vá à minha empresa, ao meu gabinete, ver se eu lá estou».

O motorista arregalou os olhos de espanto, mas, como precisava de ganhar a sua vida e já estava habituado aos caprichos do patrão, apressou-se a obedecer. Voltou, passado algum tempo e, pedindo licença para entrar, informou:

— «Pronto, senhor. Já lá fui e V. Ex.ª não estava lá.»

— «Está bem, podes ir embora» — respondeu o patrão. E, virando-se para o amigo, comentou:

— «Vê, meu caro, como ele é estúpido?»

— «Realmente» — concorda o amigo — «Ele não precisava de ir gastar gasolina. Podia ter telefonado»...

## MOINHO DE VENTO

*Gaiivota perdida no horizonte  
Que é tão largo e imenso como o oceano.*

*Criança, inocência*

*Riso ao sabor do destino.*

*Estrada mal construída.*

*Caminhos sem rumo certo*

*Corações defeitos e enganados*

*Olhos a explodirem de raiva.*

*Silêncio ao som de um violoncelo  
Paisagem pintada por um amador*

*Dedos feridos das armas*

*Mundo pecador do tempo*

*O bater das horas desperta*

*Um sorriso ao amanhecer.*

# FALECIMENTOS

Ao longo do mês de Maio verificou-se a morte de um invulgar número de pessoas cujo nome passamos a divulgar:

Arlindo Lopes Cardoso. Faleceu na Rua Serpa Pinto com 78 anos de idade. Era funcionário do Fundo do Desemprego na situação de reformado. Exerceu durante muitos anos a função de escriturário da Junta.

Lembra-nos ainda que há uns anos atrás foi médico do Hospital e tinha a incumbência de provar a sopa que então era distribuída aos pobres da nossa terra. Exerceu essa tarefa com muito rigor e serço de missão.

★

No final do mês faleceu no Lar da Terceira Ida de de Fão, Germano Augusto Nobre, natural do Porto mas que de há uns anos atrás se radicara na nossa terra.

Quando se fala em banhistas de Fão, o nome de Germano Nobre é uma referência obrigatória. Quem o via a andar muito vagarosamente, quase que arrastando as pernas, nestes últimos tempos, não deve esquecer porém que aquele homem tãpego e saudando-nos com um olhar resignado foi, nos tempos áureos da Colónia Balnear, um animador incansável que trazia em polvorosa quer os habitantes de Fão, quer os seus venareantes. Na década de 50, os bailes que se efectuavam, as festas em que os banhistas se desdobravam, as passeatas, os teatros, os jogos, os concursos que animavam o mês de Agosto, todos tinham a chancela de Germano Nobre.

A morte da esposa ocorrida há anos, uma intervenção cirúrgica e melindrosa que o tornou afónico e naturalmente o peso dos anos levaram o velho e outrora incansável Germano a retrair-se. Durante algum tempo deixou de vir a Fão. Até que regressou para o Lar.

Era no entanto uma figura simpática que o povo fangueiro saudava com carinho.

Estava internado no Lar mas não renunciou nunca a dar os seus passeios até aos cafés da terra. Quase até aos últimos dias de vida.

Vergado ao peso dos anos, 86, acabou por falecer. Pena que a antiga colónia balnear não tivesse comparecido em peso.

Sic Transit...

★

Igualmente internado no Lar, faleceu Joaquim Dias Costa, o Quim Roqueiro, nascido na Rua Serpa Pinto. Tinha 66 anos, vividos em grande parte na África. Regressou à terra por alturas da descolonização. Apesar de possuir muitos familiares, não tinha família. Isso levou-o a casar com uma vizi-

na que lhe deu guarida por ocasião do seu regresso.

Doente e viúvo, acabou por ser internado naquela casa de assistência onde veio a falecer.

★

Foi-nos informado que, ainda no mês de Maio, faleceu no Brasil o nosso conterrâneo Luciano Gomes Calafate que há muitos anos se fixara na cidade do Rio de Janeiro.

Nasceu nas Pedreiras há 64 anos. Há já muito tempo que o não víamos, mas lembra-nos que tinha uma compleição frágil. O ano passado esteve entre nós cerca de um mês. Não chegámos a vê-lo.

★

Em Coimbrões faleceu com 66 anos de idade, o nosso conterrâneo Joaquim de Brito Lacerda que há anos se radicara naquela localidade.

O primeiro emprego deste fangueiro foi na extinta fábrica de tintas, pertencente ao Gomes da Costa, que ficava na Pedra Alta, muito junto ao Nosso Zé.

O seu amor à terra mantinha-se inalterável e sempre que havia alguma festa ele fazia questão de estar presente, acompanhado da família.

Às famílias enlutadas os nossos sentidos pêsames.

★

Queremos deixar aqui o nosso muito obrigado ao nosso Prior, pela ajuda que nos deu para coligir os nomes de todas as pessoas que morreram neste último mês de Maio. Encontramo-nos por acaso junto à Pã-Pã, e manifestamos-lhe a necessidade de possuir o rol completo das pessoas falecidas. O padre Vilar deu-nos os nomes de alguns, despediu-se e daí a poucos minutos, os precisos para ir a casa, veio com uma relação completa.

Esqueceu-se que éramos «concorrente» e amavelmente deu-nos todos os informes que precisávamos.

Um pároco à altura de Fão. Bem haja.

★

No mês de Maio faleceu igualmente nesta vila fangueira Manuel Fernandes da Benta, com 59 anos de idade. Foi emigrante durante muitos anos em França.

O Manuel da Benta foi nosso companheiro de escola. Apesar de ser um aluno esperto ficou-se pela 3.ª classe. Os pais precisavam dele para o trabalho. Esta situação de injustiça ficou-nos gravada na memória.

Felizmente os tempos são outros.

★

A lista trágica continua. Igualmente no mês das rosas outro nome há a acrescentar à lista neerológica: Alberto Cardoso que morreu com 73 anos.

A todas as famílias enlutadas a expressão do nosso pesar.

★

Em Fevereiro último, em Braga, partiu repentinamente do nosso convívio o Carlos Russo.

Lembram-se dele? ...era natural do Bonfim - Porto, mas tornou-se muito popular em Fão quando depois de consorciar-se com a Linda das Cochilhas, também já falecida, integrou-se e notabilizou-se na geração do «nosso» querido Né a cantar umas «coisas» das quais chegaram à actualidade os Fados da Freira e da Mendiga.

Foi um «magnus» desenhador e o primeiro emblema do Club de Futebol de Fão ostenta a sua assinatura. Colaborou em maquetes de cartazes para o Sr. de Fão.

À família enlutada apresenta condolências.

CÂNDIDO CASANOVA

## Da Cooperativa Cultural de Fão

*Não é o Sr. José Duarte que faz parte do Conselho Fiscal mas sim a Ex.ma Senhora D. Cecília Paixão Amorim.*

*A C.C.F. teve mais uma realização no passado dia 18 de Maio «Um passeio à Serra da Estrela» com paragem em Viseu para visitar a Sé Catedral e o Museu Grão Vasco. Depois do almoço rumou-se até à Serra num dia maravilhoso com belas paisagens dignas do apreço de todos que iam encantados com tanta beleza. Uma vez na Torre, os garotos e não só puderam tirar fotografias e brincar na neve, um belo espectáculo que certamente ficará nas memórias de todos. No regresso fomos jantar na Mealhada à Meta dos Leitões que serviram o dito cujo que estava a contento de todos e sem controle de quantidade. Tudo correu admiravelmente e a prová-lo ficou na presença de todas as guitarradas e cantares em toda a viagem. Bem haja a Senhora Dr.ª Ró que foi a grande obreira e a Ela se deve a organização e orientação deste esplendido passeio. Obrigado Dr.ª Ró.*

*A próxima realização da Cooperativa Cultural de Fão são as festas do S. João com várias diversões para todos os Fangueiros.*

DUARTE



# DE FÃO A LISBOA OU A HISTÓRIA DE UMA VIAGEM

Decidiu o Conselho Escolar da Escola n.º 1 de Fão, em Setembro, aquando da programação anual, fazer uma viagem de comboio a Lisboa com as crianças, de todos os anos. A ideia nascida, foi ganhando corpo, depois de ouvidos os pais dos alunos, e, logo de seguida, foram encetados os contactos para que tudo redundasse num êxito. Tantos ofícios, tantos telefonemas, tantos pedidos, de tudo isto pode dar conta a Directora da nossa Escola. As crianças viviam entusiasmadas, a par e passo, todas as diligências no sentido de se ver concretizado este sonho. E digo sonho, porque muita gente achava uma aventura, uma coisa irrealizável, de uma responsabilidade desmedida. O tempo ia passando, surgiam complicações, contra-tempos, que, logo de seguida, se iam esfumando e tudo voltava a sorrir. Um belo dia, chega da Presidência da República, uma carta da parte da Sr.ª Dr.ª Maria Barroso, através da qual, nos dava conta de que seríamos por ela recebidos no Palácio de Belém, tal como desejáramos desde sempre. E sabem qual foi, em plena aula, depois de lida a mensagem, a reacção da pequenita Mariana? Levanta-se e de braços erguidos, grita: *Acabou-se o Carlos Carvalhas! Agora, vou votar sempre Mário Soares!*

O dia 7 de Maio, nunca mais chegava, diziam as crianças!... Depois de todos os preparatórios e recomendações, dos lanches divididos e organizados para comer no comboio, na tarde do dia seguinte, eis que, amanece o dia 7 e com ele, a alegria das crianças, de mochila às costas, boné na cabeça e máquina fotográfica ao pescoço.

## FINALMENTE A PARTIDA

Às 6 horas menos quinze minutos, do dia 7, partimos de autocarro, rumo a Campanhã. Para trás a Escola, os Pais de lágrima no olho (vimos muitos), Fão...

Éramos ao todo, 117, num total de 104 crianças, 10 professores e 3 auxiliares de educação.

Chegados a Campanhã, há que pegar nos sacos e caminhar escadas acima (sem ninguém que desse uma ajudinha...) para a carruagem reservada, do comboio *Alfa*. Isto era um dos objectivos deste passeio: proporcionar uma viagem de comboio, meio de transporte, que só dois ou três tinham utilizado.

Para nos saudar, desejar, boa viagem e trazer um reбуçado para cada criança, apareceu àquela hora matinal, a Dr.ª Rosa Torres, fangueira que vibra com todos os acontecimentos da terra. Sim, isto também era um acontecimento...

Acomodados, sentados nos seus lugares, ei-los que abrem a mesinha de apoio, em cujo suporte logo colocaram a garrafinha de água, bem como as cartas, blocos de apontamentos, dinheiro, máquinas fotográficas, etc. Coisa digna de se ver! Parece que estavam habituadíssimas a estas andanças... Dali a pouco os «chichis», claro! E foi mesmo romaria! E depois, roupas difíceis (íamos à capital...) — botões, alças, cintos. E o comboio sempre a andar!...

Os túneis, o cheiro das fábricas de papel, os arrozais, enfim, tudo servia de lição.

Pelas oito e meia, sai o primeiro lanche (uma azáfama na distribuição — regista-se bom apetite pela parte de todos).

Novamente a paisagem, o olhar do relógio, algumas poses para fotografias (então para que

eram tantos «Kodakes»?...). Mais um aliviar do assento, mais uma partida de cartas, mais outro pequeno lanche que Santa Apolónia está quase à vista.

Chegamos!

## ENFIM, LISBOA!

— É aqui? Vamos sair? Isto é Lisboa? Tínhamos finalmente chegado. Havia gente conhecida, à espera, familiares de alunos. Aqui, contrariamente ao que aconteceu no Porto, houve quem ajudasse a pegar nos sacos e muitos sorrisos de ternura para as crianças.

## Por ZINHA

Dois autocarros à nossa espera e dois polícias também. Para quê? Para ajudar o autocarro nas manobras e conduzir-nos sem perigo no trajeto da cidade.

Parabéns, Sr. Sá Pereira. Pensou em tudo.



A Dr.ª Maria Barroso ouvindo a saudação lida por uma aluna

De autocarro iam as crianças, apreciando o movimento, ao mesmo tempo que recebiam lições de História: a Casa dos Bicos, o Coricheiro, a Praça do Comércio e finalmente o Mosteiro dos Jerónimos onde parámos, para o visitar. Logo ali à saída do autocarro começam as compras — os postais ilustrados, as recordações, notas de cem à vista. Interessa é comprar...

Feita a visita e tiradas as fotografias da praxe nos claustros e jardim, prosseguimos rumo ao Palácio de Belém, onde éramos esperados pelas 12h30m. Expectativa!

À ordem de «comando», no Palácio de Belém tudo avança. Escadas acima e eis-nos num dos jardins, piscina ao lado, mesas com guardassóis que obrigavam vários pratos de sandwiches. Consultado o «preto ó colo», esperámos a chegada de Sua Excelência, Dr.ª Maria Barroso, que foi recebida com muitas palmas e o entusiasmo de todos. A princípio, mostrou-se um pouco reservada, mas depois, a pouco e pouco, conversando, tomando contacto com as crianças, e a nossa realidade, um outro sorriso vingou e a acompanhou até ao fim. Foram-lhe entregues pela Directora as

nossas lembranças, que logo desembulhou: as «Clarinhas» de Fão, um álbum com fotos dos lugares mais característicos e não só, da nossa terra, e, sobretudo um *napero* primorosamente bordado à máquina, onde se destacava o seu monograma. Gostou, agradeceu, teve mais uma troca de impressões e ouviu com atenção e interesse, a saudação, em nome de todos, de uma aluna do 4.º ano e que dizia assim:

Vimos de muito longe, com as nossas professoras e aquilo que mais nos excitava era este momento — estar aqui, no Palácio de Belém, juntinho à Senhora, esposa do nosso Presidente da República!

Para nós, é um conto de fadas! Muita gente, na nossa terra, nem acreditava que Vossa Excelência nos quisesse receber.

Mas nós, pelo que na Escola nos contam da Senhora, sabíamos que o nosso sonho não ficaria só pelo sonho...

E aqui a Senhora está, e aqui nós estamos,

deslumbrados, emocionados e felizes. Jamais esqueceremos este gesto! E quando formos grandes, talvez aos nossos filhos, contemos uma história que começará assim:

Era uma vez, uma senhora muito importante que, num Palácio, em Lisboa, quis receber meninos duma escola.

Bem haja! Nos nossos corações, ficará para sempre.

Obrigados!

Agradeceu e convidou todos a tomarem um sumo fresco de laranja com pãezinhos com fiambre a acompanhar. Os nossos meninos comeram bem, beberam e repetiram quanto quiseram e tudo com ordem e respeito. Fizeram-se as fotografias do costume. Houve o beijinho de despedida e depois a passagem por alguns dos salões do Palácio, que encantaram toda a gente. Assim ficou para trás uma bela página na história da nossa Escola!...

Os dois autocarros separaram-se, para o almoço, em duas escolas secundárias.

— Comer? Outra vez?

(Continua na pág. 8)

(Continuado da pág. 7)

## UM ALMOÇO AGRADÁVEL

E que bem! Tabuleiro em punho, cada um vai buscando o seu prato, copo, guardanapo, pão, talher, etc, etc. Tudo com ordem, com cuidado. Que pena os pais não poderem ver como se desembarçavam os seus meninos... Levantavam-se para ir buscar água e ajudavam os companheiros, chegando até eles o que lhes fazia falta. Deram lição e ouvimos elogios!...

## VISITA À CIDADE

Rumámos ao Aquário Vasco da Gama, local de encontro, para visita. À vontade, puderam observar uma infinidade de espécies marinhas, aquelas que até ali só eram do seu conhecimento pela televisão ou pelos livros. Eles próprios se informavam carregando nos botões que iluminavam as legendas. Divertiram-se com as focas, encantaram-se com a serpente eléctrica, onde escutavam as suas descargas. «Coisa impressionante», diziam eles.

Partimos então para o Museu da Marinha. Uma visita demasiado rápida, devido à hora de encerramento. Tiraram-se fotos às caravelas e fragatas. Os hidroviões e os bergantis reais encantaram. «E isto ainda anda, sr.<sup>a</sup> professora? E como sai daqui?» Tudo, despertava interesse e entusiasmo. Mas... os funcionários são muito cumpridores na hora da saída e tivemos que abalar.

Cá fora, o lanche: Sumo, «pãozinho de Deus», bananas. No fim, o tão desejado gelado!

Agora, sim, prontos de novo para uma pequena volta de autocarro pela cidade: Torre de Belém, Monumento aos Descobrimentos, era hora do movimento. A seguir a «Voz do Operário» onde estava marcado o jantar.

Foi bife com batatas fritas e salada e, a começar, a sopinha. Demorou um pouco mais. Eram muitos e apenas duas empregadas na cozinha, embora extremamente simpáticas. Claro que as professoras é que serviam e as senhoras pareciam máquinas de fazer comida. Com elas foi combinado (tudo estava previamente acordado) o menu para o jantar do dia seguinte que iriam pôr ao comboio, numa carrinha da Casa. Não teríamos tempo de voltar a passar por lá e apanhar o comboio.

— Pode ser pasteizinhos de bacalhau e carne assada com salada de alface, que depois as senhoras colocam no pão? Está bem assim?

— Pelo mesmo preço de hoje, como combinamos, está certo?

— Estejam descansados, que antes da horinha, lá estaremos.

Muito atenciosas, estas senhoras. Mais uma vez encantadas com a gente de Lisboa!

Esquecia-me de dizer que durante o jantar, algumas crianças receberam telefonemas dos pais. Bonito! Também o Sr. Sá Pereira se inteirou de como tudo estava a correr.

E pronto, papinho cheio, vamos dormir.

A iluminação, a ponte 25 de Abril, o Cristo Rei, o outro lado do Tejo e a Costa da Caparica onde iríamos pernoitar, tudo nos encantava. Estavam ansiosos, faziam planos...

— Onde vamos ficar? Tem beliches? As senhoras professoras ficam connosco?

— Claro que ficamos!

Já noite escura, dez horas aproximadamente, eis-nos chegados às instalações do INATEL, no Monte da Caparica. Saíam as bagagens. Aqui é que foi carregar! As meninas e algumas senhoras professoras ficaram logo num edifício, todas juntas; os meninos e ou-

tras senhoras, foram para «vivendas», dispersas pelo parque. Estava já um vento desagradável e era precisp puxar malas e sacos. Foi um pouco pesada a penitência, mas valeu o que rimos!...

Finalmente instalados, foi o reconhecimento à casa, aos beliches o abrir as malas e a atribuição das camitas. Os mais traquinas ficaram no mesmo quarto das professoras, que eram duas e ao todo doze rapazes. Tiraram os pijamas, os chinelinhos, toalhas, tudo muito bem organizado pelas mães, e... toca a lavar! Nunca vi tantos «rabinhos» brancos e não só... à vontade, voltados para mim. Era uma ternura! Não lhes faltou, ao deitar, o beijinho da «mamã invisível!» Falhou (no meu sector) a oração da noite. Lembrei-me mais tarde, mas só o tempo que puxaram os sacos dos lanches, ora uns, ora outros, ajudando as professoras, valeu quase um «terço»...



Professoras e alunos dando de comer aos pombos

Ainda houve brincadeira, assobios, atirar de almofadas (é da praxe) mas, dali a pouco, à voz de comando, tudo sossegou. Adormeceram profundamente.

De madrugada, dois grandes berros do João Pedro! Foi logo sossegado, (meu Deus se fosse saudades!...). Não acordou ninguém, ficou calmo e em breve dormia de novo. No dia seguinte, soube da boca dele, que estava a sonhar com a «mulher de branco, a tal...»

## DIA 8, LEVANTAR

Mais corridas para a casa de banho, arrumar as suas coisas, verificar que nada ficava, deixar tudo em ordem e uma foto de despedida à nossa vivenda.

Ainda lá, foi o pequeno almoço, no refeitório. Pão, leite, manteiga, queijinho, compota, sumo. Alguns, banquetearam-se. Os autocarros à espera e uma palavra para os senhores motoristas que eram uma simpatia. De novo a Ponte 25 de Abril, de grande movimento àquela hora, e fomos parar quase junto à Casa dos Bicos que puderam agora apreciar. Dali seguimos para a Sé, onde permaneceremos um pouco na visita e depois rumou-se à Igreja de St.<sup>o</sup> António. Tudo queria visitar o «quartinho» deste nosso Santo, o lugar onde ele orava. Satisfeita a curiosidade, houve a compra de lembranças e até de «pagelas» com resposno de Santo António. Eles têm de gastar aquele dinheiro...

Novamente a policia à nossa espera, para condicionar o trânsito e nos permitir, a pé, uma caminhada em segurança até à Rua Augusta. Atenção ao Arco da Rua Augusta, à vista do Elevador de St.<sup>a</sup> Justa, do Castelo de S. Jorge.

Tudo tentava ler nos «crachás» das crianças, de onde eram e sorriam embebidas as pessoas com a vivacidade e naturalidade de tantos meninos e meninas, alguns empenhando já ramos de flores, comprados, ali mesmo, para a mãe.

— Senhora professora, tantas lojas! Elas vendem tudo? É só lojas, só lojas!...

No Rossio, nunca tal se viu! As pombas a comerem o milho na mão de cada um deles! Foi um tal de tirar retratos...

Ninguém pensava em comer. Mas estava na hora e mais uma vez cada autocarro seguiu o seu rumo.

Novamente, o tabuleiro e, desta vez, era caldo verde, batatas fritas, frango assado e... gelatina de morango.

— Tanto frango!...

Comeram, arrumaram e foram para o recreio onde logo se relacionaram com alunas dessa Escola Secundária (Paula Vicente). Fizeram rodas, cantaram e houve muitos beijos de despedida.

Esperava-os o Jardim Zoológico, o espectáculo dos Golfinhos e a Boneca Eva.

## OS TAIS GOLFINHOS

Logo à entrada, compra de rolos fotográficos! (Vim saber depois que o Bruno, a tirar e pôr, estragou 36 fotografias...)

Tomados os lugares, aquilo foi, com uma tarde de sol quente, um verdadeiro espectáculo de alegria e vibração. Primeiramente as focas e os seus números, depois os golfinhos. Proporcionaram uma tarde inesquecível.

— Ó sr.<sup>a</sup> professora, eles também são manhosos! Trabalham, mas olhe quanto peixe eles não comem...

Cantava-se, batia-se palmas ao som da música. Que excitados eles estavam...

Acabado o espectáculo e comido novo gelado, foram em grupos penetrar na Boneca Eva que explicava o funcionamento de todos os órgãos do corpo e de cada vez que um era nomeado, aparecia iluminado. Até um bebé, a chorar, se mostrou no ventre da mãe. Tudo novidade!

(Continua na pág. 2)

# AGRADECIMENTO E COMUNICADO

## HOTEL DO PINHAL

Encontrando-me ausente em Lisboa no dia 25 de Maio, data em que deflagrou o incêndio numa das salas de conferências do Hotel do Pinhal venho, na qualidade de Administrador do referido Hotel, agradecer a todos quantos aguardaram a minha chegada da capital — o que só pôde ocorrer pelas 18 horas desse mesmo dia — para me testemunharem o seu indesmentível apoio.

Permitam-me destacar por isso, o Comandante dos Bombeiros Voluntários de Fão e outros elementos da mesma corporação, a maioria dos membros da Junta de Freguesia, quase todos os colaboradores do Hotel, e muitos, muitos amigos, na sua maioria fangueiros.

Pedimos desculpa de não citar individualmente todos quantos no próprio dia aqui se mantiveram, mas o momento não era de forma a poder recordar a totalidade dos que claramente nos demonstraram a sua solidariedade.

Contudo, continuando a receber nos dias imediatos inúmeros telefonemas e visitas de todo o país e até do estrangeiro, sempre com predominância de Fão e do restante Concelho, não podemos deixar de expressar o nosso particular reconhecimento àqueles que passamos a descrever, escusando-nos novamente pelas faltas da nossa memória ou pelas lacunas accidentais na informação do n/ secretariado.

Foram elas: Delegado da Direcção-Geral do Turismo do Norte, Director da Área de Paisagem Protegida do Litoral de Esposende, Administrações e Direcções dos Hotéis e Restaurantes da região e de todo o país, nomeadamente: Best Western Portugal, Hotel Eduardo VII (Lisboa), Hotel Batalha (Porto): Sopete, Hotel Ofir, Hotel Vermar, Hotel do Parque (Viana), Hotel Nélia (Esposende): Enatur, Pousada D. Diniz (V.N.Cerveira), Restaurante Chimarrão (Esposende), Restaurante Max (Espanha).

Senhores Eng.º António Fernandes Ribeiro (Deputado à Assembleia da República e Presidente da Assembleia Municipal de Esposende), Luis Viana e António Gomes Viana, Membros da Assembleia de Freguesia, Dr. Sampaio e Castro, Arqt.º Augusto Amaral e muitos mais.

Aos nossos próprios Seguradores (Inter-Atlântico e o Trabalho), o nosso Broker Jardine, Entidades Bancárias, particularmente Crédit Lyonnais Portugal, Operadores Turísticos e Agentes de Viagens, nomeadamente, Cosmos Tourama, Martin Rooks, Ultratur, Sunsnacks, etc.

Os C.T.T., que mantiveram, por clara solidariedade a realização do seu Congresso de 2 dias e que se iniciou na data prevista (4 dias depois do incêndio).

Companhias de Aviação, tais como: TAP, Swissair.

Associações Profissionais: Directores de Hotéis de Portugal, Skal Clube do Porto.

Instituto de Promoção Turística, Fundo de Turismo, João de Freitas, Club de Futebol de Fão.

Um muito obrigado também aos habituais fornecedores, que uma vez mais demonstraram a sua compreensão e nos deram o seu específico apoio.

Ao Pessoal com que anteriormente trabalhamos, especialmente Eurest Portugal, Ne-

ves Francisco, Rafael, José Luis, e tantos outros, como o Bernardino.

Muito obrigado.

Obrigado aos meus familiares, especialmente à Mãe Angelina e meu filho Gustavo (Francisco), que veio propositadamente de Lisboa.

Para terminar, gostaríamos de publicamente agradecer aos nossos colaboradores directos, membros da manutenção do Hotel (disponíveis a 100% como de costume) e à nossa amiga Zita Saraiva que mais uma vez (desde 1969) demonstrou (se bem que agora em actividades similares), a sua capacidade de dirigente hoteleira.

Ao tomar as «rédeas» do Hotel na sua parte funcional, conseguiu que todos os departamentos recomeçassem a funcionar e bem, 6 horas depois de deflagrar o incêndio. O seu empenhamento evitou a retirada dos hóspedes do Hotel e sobretudo contribuiu para a manutenção das reservas, quer de estadias, quer de banquetes para a época de 1991.

Por último — the last but not the least — queremos agradecer aos Senhores D. Duarte Pio e Conde Calheiros, que propositadamente se deslocaram a este Hotel para nos darem um abraço de solidariedade.

Muito obrigado, Bombeiros Voluntários de Fão e Esposende, que transformaram em poucos minutos num «pequeno» fogo o que poderia ter sido uma catastrophe. O exemplo de coordenação dado pelos dois Comandantes, seguido pelos seus «soldados da paz» é um exemplo de eficácia, segundo as informações que nos foram transmitidas e posteriormente confirmadas em vídeo.

Muito obrigado, Guarda Nacional Republicana do Concelho, pela sua habitual ajuda, disciplina, guardiã do civismo que ainda vamos tendo. Lembraram muitos, logo que cheguei, a célebre frase que a única coisa a fazer agora, seria «enterrar os mortos e tratar dos vivos». Como «dos fracos não reza a história», ainda não será desta vez que deixarei de lutar para melhorar aquilo porque sempre lutei: o Hotel do Pinhal.

Por isso até há quem estranhe a minha aparente normalidade de espírito. Tento apenas seguir os conselhos que me deram e que já estava, aliás, na minha intenção fazer:

**Seguir para a frente...**

Muito Obrigado, Fangueiros!

Muito Obrigado a todos em geral

ANÍBAL SOARES  
(Sócio-Gerente da Mitur)

## FÃO NATO E FÃONÁTICO

Às vezes este jornal também comete os seus pecados, ou seja, também era, mas sempre sem querer.

No último número demos uma errada informação que se pode comparar a uma heresia: informámos que o dr. José Novais, embora sendo um fãonático, não tinha nascido na terra fangueira.

Afinal, para nosso mais completo aprazimento, o dr. Zé, o dr. Luis e ainda o mano Joaquim são fangueiros natos. As manas dr.ª Maria Helena e dr.ª Maria de Lourdes é que já não podem gabar-se dessa, não por culpa sua, como é evidente.

De qualquer modo, para os fangueiros, a família Vinha Novais é uma considerada família de Fão que todos a gente estima e considera.

A tradicional compreensão do dr. Zé desculpará o equívoco.

## DESASTRE

Na noite do dia 24 de Maio um empregado do Restaurante Martins dos Frangos foi mortalmente colhido por um seu colega que seguia num automóvel, precisamente junto ao local onde trabalhavam.

Eram 11 horas da noite. O jovem Adelino Pereira, de 18 anos, natural de Creixomil, Barcelos, ajudante de cozinha, vinha de motorizada, logo atrás de um automóvel conduzido pelo seu colega Adriano Manuel Rodrigues, empregado igualmente daquele Restaurante. Teriam ido dar uma passeata com o fim de testar a motocicleta do Adelino.

Ao chegarem à Rua Artur Sobral, que se para o restaurante do Hospital de S. João de Deus, vindos do lado da Póvoa a viatura automóvel guinou à esquerda para aparcar naquela arteria. Precisamente nessa altura o Adelino tentou ultrapassá-lo e foi embater por isso no automóvel do seu colega. Projectado contra a parede, teve morte instantânea. O médico dr. Carvalho Matos, que se encontrava de serviço naquela unidade de saúde, limitou-se apenas a confirmar o óbito. Reclamados os serviços dos Bombeiros de Fão estes levaram o cadáver do malogrado Adelino para a morgue de Esposende. Procederam ainda à lavagem da rua naquele lugar devido ao óleo que caíra do automóvel.

A G.N.R. de Esposende tomou conta do acontecimento.

## VII MEIA-MARATONA DO CÁVADO

No dia 19 de Maio realizou-se uma prova pedestre pelas ruas do concelho e teve a participação de algumas dezenas de atletas procedentes de vários clubes do país.

A iniciativa coube à Câmara de Esposende, à Região de Turismo do Alto Minho e teve a colaboração de algumas Associações Desportivas Concelhias e ainda da Revista Atletismo, da Delegação de Braga da Direcção Geral de Desportos, da Associação de Atletismo de Braga e do seu Centro de Juizes e Cronometristas.

Nela participaram atletas de ambos os sexos, com mais de 17 anos.

A prova percorreu as principais artérias das três vilas concelhias: Esposende, Fão e Apúlia, despertando o interesse do numeroso público que assistiu à passagem dos corredores.

A VII Meia-Maratona teve por objectivo a divulgação, promoção e desenvolvimento do atletismo do concelho bem como a promoção turística da região.

## OUTONO

*Um celeste pintor verteu no céu  
Todas as tintas da sua pintura...  
E uma alados discípulos de Orfeu,  
Fizeram do horizonte a partitura.*

*Tarde outonal, com vestes amarelas  
Nos braços dos arbustos e das vinhas,  
e o eco das canções das filomelas  
No derradeiro adeus das andorinhas.*

*Já o celeste girassol dormia,  
Quando as rãs da ribeira despertaram,  
E a tela vespertina era a harmonia  
Que as estrelas dormentes escutam.*

DINS DE VILARELHO

# ÁFRICA, ADEUS

Por JOSÉ RAMOS DA SILVA

(Continuado do número anterior)

A coluna partiu em direcção a Vista Alegre para aí retomar a estrada de Kambamba.

Ficámos sós na Fazenda Maria Helena. Mal a coluna tinha arrancado dei falta do Orlando, empregado do Bom Destino. Perguntei ao Machado: «Onde está o Orlando?». «Não sei», respondeu. Certamente teve medo de ficar e seguiu com os militares. «Pafefe! Pelo menos deveria ter avisado», acrescentei.

Não podíamos perder tempo. O Augusto Ferreira abriu os taipais laterais do seu camião, entrou para a cabina, pôs o motor a trabalhar e arrancou dando curvas para um lado e para o outro. Despejou assim a carga.

O Neves, como não tinha as chaves do camião da Roça, tratou de fazer uma ligação directa, pondo assim o motor a funcionar. Quando estávamos prontos para sair, eis que apareceu o Orlando, cansado de correr. Ficámos espantados. Este quase não podia falar. «Então vocês deixaram-me sózinho no Bom Destino? Eu tinha ido ao meu quarto e entretanto a coluna arrancou e eu fiquei».

«Seu maçarongo duma figa!» respondi. «Você pensa que nós podemos andar a ver se falta alguém antes da coluna arrancar? Você não ouviu o trabalhar dos motores? Você não sabe que nesta situação não nos podemos separar, nem tomar decisões separadamente? Você aqui, se quiser sobreviver terá que formar equipa com os restantes. Ninguém irá a lado nenhum sem avisar os outros».

Tudo pronto para partir. Eu já estava ao volante do jeep do Neves, quando este se aproximou de mim e perguntou-me: «Ramos, vocês têm combustível lá em cima em

Vista Alegre? O camião não tem gasóleo para chegar a Luanda». O Machado antecipou a resposta dizendo que sim, a não ser que o tenham roubado dos depósitos». «Quando lá chegarmos, se verá!» acrescentei.

Éramos seis homens; Eu, o Machado, o Orlando, o Neves, o Augusto Ferreira, e o servente João Bailundo. Todos sob uma pressão nervosa terrível. Tínhamos plena consciência dos perigos que corríamos e que poderíamos estar iminentes.

As três viaturas puseram-se em marcha em direcção a Vista Alegre. Como era relativamente perto, depressa lá chegámos. O Neves parou o camião ao lado das bombas para reabastecer. O Machado com uma manivela conseguiu acionar a bomba e assim reabastecer o camião.

A Vista Alegre agora não merecia o seu nome. Os mortos espalhados aqui e ali, as casas todas rebentadas com os vidros quebrados. Tudo isto exercia um efeito negativo em todos nós.

Dirigi-me ao Neves e disse-lhe que ia ver como se encontrava a casa do Jorge. As casas comerciais, tanto em Vista Alegre como em outras povoações do interior, eram em regra geral compostas de loja e residência, pegados um ao outro, muitas das vezes com uma porta que dava ligação da residência para o estabelecimento.

Entrei na casa do Jorge pela parte da residência e, pouco depois, apercebi-me de que havia alguém no estabelecimento.

Sem fazer barulho, saí e dirigi-me ao Neves: «Há alguém lá dentro na loja do Jorge. Vamos ver se os surpreendemos». A referida loja fazia gaveto com a estrada e desvio para o Bom Destino, portanto com portas para os dois lados. Estas tinham sido rebentadas, mas encontravam-se encostadas.

Eu, à frente, com a arma em posição de

fogo e com o dedo no gatilho, o Neves seguia-me de perto. Aproximámo-nos da porta do lado do Bom Destino e ouvia-se perfeitamente que alguém mexia em qualquer coisa. Nessa altura dei um pontapé na porta e disparei sem direcção nem objectivo. Logo se ouviu um grito. «Cuidado, sou eu!» Era o Augusto Ferreira que, sem avisar alguém, se introduziu no estabelecimento à procura de um lenço.

Irritado e exaltado, dirigi-me ao Ferreira que se encontrava pálido. «Sr. Ferreira, não ficou assente que ninguém se ausentaria para lado algum sem dar conhecimento?» O homem não sabia o que dizer. «Fui só ali buscar um lenço». Mas isso ia-lhe custando a vida.

Prontos os carros, partimos rumo a Luanda. O Augusto Ferreira, à frente, a seguir o Neves levando a seu lado o Machado, atrás, eu com o jeep, levando a meu lado o Orlando e o João Bailundo. Os carros andavam a toda a velocidade que a estrada o permitia. Passámos pelo povo Kambege que parecia deserto, mas não tínhamos dúvidas de que estávamos a ser observados. Era necessário andar depressa antes que eles se apercebessem que eram apenas três carros civis sem qualquer escolta militar.

A ânsia de alcançar a ponte do Rio Dange era enorme, pois para lá do rio era, outro mundo, pelo menos até aquele momento. Seguíamos a uma velocidade razoável. Só ao passar nas valas tínhamos que abrandar, até porque a terra que tínhamos posto não estava suficientemente calcada.

Assim fomos vencendo todos estes obstáculos. A ponte do Dange cada vez se encontrava mais próxima. Na última vala o camião do Augusto começa a patinar na terra e não consegue vencer-la.

Todos sofremos um calafrio, embora já estivéssemos bastante longe do Kambege. Podiam andar por ali malfeitores, pois tinha sido ali que o camião onde seguia o Alberto tinha ficado com todos os ocupantes mortos.

## PINTO MIGUEL

SOCIEDADE DE TRANSPORTES INTERNACIONAIS  
DE CARGAS, LDA.

Rua do Farol, 155 - 1.º Tr.ª — Telefs. 672295 - 672450  
Telex 25181 — 4100 PORTO

ARMAZÉNS:

Rua roberto Ivens, 903 — telef. 930647  
4750 MATOSINHOS

## Dicionários EDITORA

A vasta coleção «Dicionários Editores» acaba de ser enriquecida com a publicação da 8.ª edição do Dicionário da Língua Portuguesa. Uma obra invulgar para o nosso país, feita em meias somente utilizadas em enciclopédias, com a colaboração de professores de comprovada competência, tanto em matéria geral, como da especialidade. Enriquecida não só no aspecto etimológico, com muitos dados novos relativos à origem e evolução de cada vocábulo, que aumentaram esta edição em mais de duas centenas de páginas, como também pelo alargamento da aplicação de palavras e locuções estrangeiras.

O Dicionário da Língua Portuguesa — 8.ª edição — é o mais desenvolvido de todos os do seu género, o mais correcto e o mais actualizado quanto a definições de termos técnicos e científicos.



PORTO EDITORA, LDA. Rua da Restauração, 365/4099 PORTO CODEX  
LIVRARIA ARNADO, LDA. Rua de João Machado, 9-11/Apart. 375/307 COIMBRA CODEX  
ENP. L. FLUMINENSE, LDA. Rua de S. João Nepomuceno, 8/A/1200 LISBOA

# O PERFIL DE HOJE

Por ARMANDO SARAIVA

## CÂNDIDO NUNES VINHA

Quando há 5 anos fazíamos aturadas pesquisas nos jornais do concelho acerca do padre Jerónimo Chaves, deparámos com uma figura desse tempo que deveras nos encantou. Tratava-se do jovem director de O Grulha chamado Cândido Meres Vinha que logo previ pertencer à família dos Vinhas que então disfrutavam de um estatuto relevante. Era, foi o Director do jornal O Grulha e nas páginas desta publicação que se editava semanalmente desencadeou uma afervorada campanha em defesa da permanência em Fão do prior local P.e Luis Azevedo que o Arcebispo de Braga tinha colocado em Curvos, terra afinal da sua naturalidade.

Dizia então o Grulha nos seus editoriais que a transferência ou a saída do prior de Fão não era nada mais que uma campanha política do Arcebispo brarense contra os padres que aderiram à Republica. Ao mesmo tempo que se insurgia contra a saída forçada do Padre Luis Azevedo, o autor desancava no antístete brarense que era por demais.

O vigoroso estilo dos seus textos polémicos, o apaixonamento da sua argumentação, a violência e ao mesmo tempo a elegância com que se exprimia levaram-nos a alimentar a convicção que estávamos perante o melhor jornalista que Fão já tivera.

Terá havido exagero da nossa parte? Bom, no seu tempo residia em Fão outro grande combatente das lides jornalísticas que era o P.e Jerónimo Chaves. Assinava os seus textos com o pseudónimo «Chaves Coupon». Foi sem dúvida um grande lutador pela criação de um porto de mar na zona fangueira. A nosso ver, porém, revelou-se um utopista pois o Porto, a cidade do Porto, jamais consentiria que o porto de Leixões fosse construído fora de portas. Tratou-se pois de uma luta, votada ao insucesso, muito embora não se possa negar ao Padre Chaves a persistência, a capacidade de argumentação e um conhecimento bastante acentuado de textos bíblicos e apologéticos. Pudera: tratava-se de um eclesiástico que se recheava afincadamente de uma erudição específica.

Não se poderia assim afirmar peremptoriamente que Cândido Vinha, tinha sido o melhor jornalista que existiu em Fão. A dúvida alijou-se em nós e ficámos sem a certeza, mas apenas com a dúvida, se ele teria sido *um mais* na terra, que é um dos critérios que adoptamos para colocar alguém no galerim dos perfis.

Quisemos saber ou antes, quisemos abarcar a dimensão da sua personalidade e, com um tempo de procura, chegámos à conclusão que este nosso conterrâneo foi de facto um prolixo jornalista.

Com efeito exerceu as funções de Director de O Grulha, que se editou sema-

nalmente em Fão durante alguns anos, mais concretamente, de 27-3-1919 a 25-8-1921. Se as nossas contas estão certas, Cândido Vinha nasceu em 1900, o que significa que foi director do referido jornal apenas com 19 anos, o que é digno de registo.



Cândido Nunes Vinha

A publicação que antecedeu o Grulha chamou-se O MÁ LÍNGUA, iniciado em 2 de setembro de 1918. Nele aparece o nome de Cândido Vinha como editor, sendo Vento da Vota, concerteza um pseudónimo, o Director.

Outro jornal, de pequena duração foi o Avante, de 27-10-1917 a 11-11-1917. No primeiro número lê-se o seguinte: «Para o Porto, a continuar os seus estudos no liceu, seguiu o nosso simpático e distinto colaborador Cândido Nunes Vinha».

Ainda no Farol Faozense de 2 de Janeiro de 1916 destaca-se uma outra notícia que se refere a este conterrâneo: «Do Porto — Acha-se nesta vila, onde veio gozar as férias natalícias, o nosso amigo e colaborador Cândido Nunes Vinha».

Esta última referência revela que pelo menos desde 1915, isto é, com 15 anos apenas, já colaborava nos jornais da terra.

Foi a sua precoce actividade como homem dos jornais, o seu comprovado fangueirismo e uma postura cívica irrepreensível — é o que vamos assinalar já — que nos decidiram a seleccioná-lo para esta secção.

Estudou no Porto e tanto quanto conseguimos saber acabou o 5.º ano num dos liceus daquela cidade.

Apenas com a idade de 16 anos foi um dos sócios fundadores do Club dos Grulhas. No dia da inauguração, ocorrido em 5 de Novembro de 1916, na respectiva sessão solene, presidida por Francisco Pereira de Abreu, foi o jovem Cândido Vinha escolhido para secretariar

a mesa, juntamente Eduardo Veiga da Silva, Jerónimo Santos Patrício e Manuel Pereira Gonçalves. Diz ainda o jornal de onde respigámos esta notícia que foram muito louvados, nessa assembleia, os sócios Cândido Nunes Vinha, Eliseu Santos Paturro e António Carlos Gaifem Pires. Louvados porquê? Com certeza que foram dos que mais trabalharam para a formação do Clube.

Em 1919 o nome deste conterrâneo aparece no jornal O Má Língua como fazendo parte da comissão de festas do Bom Jesus desse ano. Juntamente com Inácio Gonçalves Turra, António Carvalho Gomes, Ernestino Sacramento, Júlio Monteiro, António Fernando Costa e José Ferreira.

Naquele tempo e ainda agora, um sinal de distinção social era atribuído a quem fosse convidado para pegar nas cordas do caixão. Pois o «Candinho» é citado várias vezes nos jornais da época no desempenho dessas funções. Por exemplo, no O Grulha de 27-11-1919 pode ler-se, a propósito do enterro de João Evangelista da Silva, avô do Qui-Qui, que o 4.º turno era formado por Joaquim Pinto de Campos, João Victor Carneiro, Manuel Carvalho de Brito e Cândido Nunes Vinha. Tudo gente de algo.

Voltamos a ver de novo o seu nome a propósito da morte de Joaquim Jacinto de Fonseca Lima, pai do então Governador Civil dr. Fonseca Lima. «Esta localidade, diz o Grulha, foram apresentar cumprimentos ao dr. Fonseca Lima, em Curvos, Jaime Lopes Pereira, António Gomes da Silva, João Victor Carneiro, José Andrade Novais, Emílio Fernandes, Francisco d'Abreu, Tobias José da Silva e Cândido Gomes Vinha».

Ainda no Grulha de 14-9-1921, a propósito de homenagem prestada pelo Clube dos Grulhas ao conterrâneo Manuel Machado da Costa, morto em França, no célebre dia 9 de Abril, coube a Cândido Vinha a leitura de um discurso, aliás lindo discurso, feito pelo dr. Belarmino d'Abreu, Presidente da Câmara. Infelizmente morreu cedo este jovem. Devia possuir uma compleição física delicada. Por várias vezes os jornais dão conta de que se encontrava doente.

Pudemos finalmente deduzir, e a dedução é um raciocínio que se pode empregar na história, segundo Jaime Cortesão, que este moço foi um árduo defensor de sua terra, era deveras respeitado e considerado e, como jornalista, tinha muito merecimento. Foi um homem antes do tempo.

Lamenta-se que aquando da sua morte, apenas um jornal, o Esposendense de 21-4-1923, tenha espargido estas pobres palavras sobre a sua memória: «Na madrugada de 6 do corrente, faleceu na vizinha freguesia de Fão, o Sr. Cândido Nunes Vinha que há bastante tempo se achava enfermo. Cândido Vinha era uma criança ainda pois apenas contava 23 anos.»

Se consultássemos um psicanalista quase temos a certeza que foi a nudez destas palavras que contribuiu para lhe dedicarmos este perfil.

# DESPORTO

## CANOAGEM

### REGATA INTERNACIONAL DE HAZEWINKEL BÉLGICA (3-4-5 DE MAIO)

A canoagem portuguesa brilha na Bélgica! Belmiro Penetra conquista quatro medalhas de ouro e José Garcia vence nos dez mil metros. Foi assim sem tirar nem pôr, que a televisão através do Domingo Desportivo nos deu a grande notícia. Não é habitual neste programa de grande audiência, nas noites de domingo, dar grande relevo à canoagem. Será porque os praticantes desta modalidade, não ganham grandes somas de dinheiro tanto cá como lá fora nas provas em que participam? Porque a canoagem ainda não tem uma actividade mercantil como outras modalidades desportivas. Será porque entre os canoistas mais cotados e a respectiva Federação não surgem conflitos e por isso não causam sensação?

Seja pelo que for, o certo é que o comportamento dos nossos seleccionados nesta competição foi tão brilhante, que o Domingo Desportivo teve que lhe dar o devido destaque.

Se o país ficou mais prestigiado, a canoagem muito contribuiu para isso.

Os portugueses ficaram satisfeitos com mais este êxito, e muito particularmente o Clube Náutico de Fão, que além do seu campeão teve nesta selecção mais dois atletas júniores: Luis Pedro Sousa que obteve duas medalhas de ouro em K2 com Belmiro Penetra, e uma medalha de bronze, e Luís Faria que obteve uma medalha de bronze em K4.

Também noutra equipa em K4 correu Belmiro Penetra que conseguiu os tempos mínimos para os Jogos Olímpicos de Barcelona.

Após o regresso da selecção os atletas fangueiros passaram algum tempo na sua terra participando numa prova pelo seu clube, e Belmiro Penetra teve o prazer de receber dois jornalistas do jornal «O Expresso» no qual lhe dedicam uma excelente reportagem.

E sem a intenção de querermos fazer publicidade temos de realçar outros, como o «Jornal de Notícias» e «O Jogo» que muito têm divulgado esta actividade desportiva tanto em provas nacionais como internacionais, e sempre destacando o fenómeno junior da Canoagem Portuguesa, Belmiro Penetra, do Clube Náutico de Fão.

N.B. Integrados novamente na Selecção Nacional partiram para a Polónia, e depois seguirão para a Alemanha, os nossos três atletas.

### GRANDE PRÉMIO DE ARNELAS

Os atletas do C.N. de Fão obtiveram, nesta prova disputada no Rio Douro, as seguintes classificações individuais:

Séniiores, K1, Lázaro Penetra, 1.º; K2, Gustavo Costa/João Anunciação, 4.º; C1, Emílio Araújo, 2.º, Carlos Vieira, 3.º; Júniores, K1, António Roxo, 6.º, António João Ferreira, 10.º; C1, António Ferreira, 2.º; Cadetes, K1, Miguel Pedras, 2.º, Artur Hipólito, 6.º; K2, José Serra/João Santos, 2.º; Cadetes (Femininos) K1, Mónica Oliveira, 6.º; Cadetes, C1, Hugo Moreira, 3.º.

O C.N. de Fão obteve a 2.ª posição por equipas.

### MARATONA DAS ASSOCIAÇÕES — AVEIRO

Os atletas do Clube Náutico de Fão, que participaram nesta maratona, integrados na selecção da associação de Canoagem de Braga obtiveram as seguintes classificações:

Júniores, K4, 1.º, Belmiro Penetra, Luís Sousa, Luís Faria e António Roxo; Séniores, C2, 1.º, Emílio Araújo, Carlos Vieira; K4, 6.º, Lázaro Pe-

netra, António João Ferreira, João Anunciação, Gustavo Costa.

A Associação de Canoagem de Braga obteve o 1.º lugar.

A prova destinada aos escalões mais jovens, para a qual os nossos atletas também foram seleccionados, foi anulada pela organização.

### II GRANDE PRÉMIO DE AMARANTE

Séniiores, K1 — Lázaro Penetra, 2.º; K2, Gustavo Costa/António João Ferreira, 2.º; C1, Emílio Araújo, 2.º e Carlos Vieira, 3.º; Júniores, K1 — António Roxo, 2.º; C1, António Ferreira, 1.º; Cadetes, K1, Miguel Pedras, 1.º e Artur Hipólito, 2.º; K2, José Serra/João Santos, 2.º; Cadetes (femininos), K1 — Mónica Oliveira 4.º; Cadetes, C1, Hugo Moreira, 2.º.

Colectivamente, o C.N. de Fão obteve o 2.º lugar.

## C. C. DE FÃO — UM BELO PASSEIO

*Com uma excursão à Serra da Estrela, iniciou-se o ciclo de actividades do ano de 1991, elaborado pela nova Direcção.*

*No dia 18 de Maio, pelas 6,30 da manhã, no jardim do Bom Jesus, reuniram-se cerca de 50 pessoas, que entusiasticamente tinham aderido a esta ideia. A manhã estava linda e prometia uma excursão alegre e bem sucedida. Assim foi. Descrevê-la não terá tanto êxito, mas vou tentar.*

*Coube-me esta missão espinhosa e desde já, as minhas desculpas, por qualquer omissão.*

*Pelas nove e tal tivemos a 1.ª paragem para tomar o pequeno almoço, numa casa abarrotada de gente, o que dificultou o acesso aos balcões. Enfim, lá seguimos caminho, entre maravilhosos tufos de giestas e verduras o que encantava os nossos olhos.*

*Antes do meio dia chegamos a Viseu e aí a paragem foi mais demorada.*

*Demos uma vista pela cidade e, como não podia deixar de ser, visitámos o museu Grão Vasco, que foi o ponto alto da excursão. Encantou-me. Não é tarefa fácil descrevê-lo. Tive a sorte de ter como companheiros na visita, o sr. Duarte e o ilustre marido da dr. Ró. É-me muito grato realçar, aqui, que me foi muito proveitosa a sua erudição. Percorremos todas as salas, contemplamos com mais ou menos tempo aquelas que mais chamavam a nossa atenção. Foi um desdobrar de conhecimentos e um encantamento para a vista.*

*Não me será fácil esquecer por muito tempo tudo quanto vi. Desde os quadros, até ao interior da igreja, passando pelos paramentos antigos bordados a ouro, as velhas imagens, as esculturas, etc., tudo ficou retido na minha memória...*

*Deixámos Viseu com saudades. Dentro do autocarro, a animação começou a vir ao de cima.*

*Surgiram os acordes duma guitarra, algumas vozes elevaram-se no ar e assim começou a animação. Pelas 2 e tal, partimos na estrada a caminho da Serra da Estrela. Num restaurante agradável, com o almoço previamente encomendado, comeu-se lindamente. A ementa agradou a todos e no fim cantou-se o «hino» de Fão.*

*Lá seguimos caminho, passando por várias terras, regatos, lindas paisagens e alguma neve. Estávamos na Serra da Estrela. Pelas 19 horas chegamos ao cimo das torres. Havia muita neve o que foi um motivo*

## ÁGUIAS DE SERPA PINTO (Cont. da pág. 13)

lucraram, tal foi a azáfama no ver se te avias. Depois foi a entrega dos prémios respeitantes a outros jogos, taças, medalhas e muitos brinquedos. No final da tarde, na sede, foi o cortar do bolo de aniversário com as crianças todas em fila (muito bem, e que fila!), pois chegava para todos já que o bolo era enorme, com o desenho de um campo de futebol, e todo nos conformes!

E como convidados estavam presentes o presidente e o tesoureiro da junta, o chamar estava perfeito, mas relvado! Também é pedir muito.

Todo este programa (excepto o jogo de futebol) foi realizado no loteamento do caldeirão. Parabéns a todos, aos que o realizaram, e aos que participaram.

No XVI aniversário do Águias de Serpa Pinto, e tendo em conta que a televisão transmitia nessa tarde em directo a final da Taça de Portugal em Futebol, nem isso afectou o entusiasmo dos mesmos, que naturalmente também gostariam de assistir a esse jogo.

*de brincadeira para miúdos e graúdos, a vista era dislumbrante.*

*Os lagos que surgiam à nossa vista, davam a ideia de quadros pintados. A descida cheia de curvas, com grandes penedos, de caprichosas formas, aqui e ali não nos dava tempo para mais nada. Depois surgiu Mantegais, com o seu casario entre a verdura, que mais parecia um presépio do que, uma povoação habitada. Fomos até lá. Uma terra limpa, mas com o seu cheiro característico de queijo.*

*As horas iam passando e tínhamos ainda muitos quilómetros a percorrer. Visitámos também o grande lado com o seu paredão de pedra aonde tiramos fotografias.*

*Tínhamos o jantar apazado para as 21 horas mas só chegamos à Mealhada cerca das 23 horas.*

*Fomos lindamente recebidos e, cheios de fome, atacámos como bons apreciadores o bom leitão assado.*

*Finda a «ceia» voltámos à estrada e já sem visibilidade preenchemos o tempo cantando alegremente.*

*Assim findou um dia que será muitas vezes lembrado. O grupo era quase todo conhecido e os menos amigos, ficaram mais amigos. A mim coube-me uma companheira admirável. Ficamos amigas.*

*Chegamos a Fão eram 2 da manhã de domingo.*

*Quero aqui realçar a eficácia e o cuidado que foi feito, em todos os pormenores, para que esta excursão fosse um êxito.*

*O próprio autocarro, o condutor com a sua eficiência e segurança, o itinerário, os restaurantes e as ementas dão-nos a certeza que a nossa Dr.ª Ró pôs neste trabalho, não só a sua capacidade de boa realizadora, mas também o coração de fangueira. Por mim, muito obrigada.*

*Com cooperantes deste nível a cooperativa vai ser um êxito e vai dar muito que falar. Força, amigos.*

CECÍLIA PAIXÃO DE AMORIM

★

**Notas Soltas:** de destacar a feliz escolha realizada pela organizadora das músicas que acompanharam a excursão; a subida pelo Zêzere, com uma panorâmica admirável, foi acompanhada de fados de Coimbra. Já a descida foi acompanhada de música clássica adaptada ao meio ambiente. Um sonho!...

# DESPORTO

Por **JOÃO PEDRAS**

## FUTEBOL

Últimos resultados:

FÃO, 0 - MERELINENSE, 2.  
LOUSA, 0 - FÃO, 3.

FÃO, 0 - MERELINENSE, 2.

Fão alinhou com: Chabregas, Eurico, Rauzinho, Pedro e Berto; Carlos, Vita, Bife e Didi, Zezinho e Sousa.

Uma primeira parte muito mal jogada pelas duas equipas. Os visitantes «1.º classificado» davam a entender conforme o jogo ia decorrendo, que estavam ali para não perder, o que naturalmente já satisfazia as suas ambições, e nem mesmo confrontados com o fraco rendimento da equipa da casa, isso lhes fez alterar os planos.

E assim, uma partida que a principio prometia alguns atractivos «pois era o comandante que visitava o Fão» ia-se tornando monótona para os assistentes, que só começaram a agitar-se por um facto que passou a dar nas vistas: era a equipa de arbitragem essa sim a (jogar) muito bem, mas para o lado do Merelinense. E por que motivo? Para ajudar o provável campeão? Por influência da numerosa assistência visitante que de autocarros e automóveis invadiu Fão? E se não bateu o record de espectadores no nosso campo, pelo menos da bilheteira achamos que sim. (E ainda bem, do mal o menos). Já que não se pode ganhar em tudo! E assim até ao intervalo foi o que de extraordinário se passou, e que chegou e sobrou para azedar os ânimos de muitos fangueiros. Fóra isso duas intervenções difíceis, uma para cada guarda-redes, foi muito pouco, e o perigo causado pela equipa da casa foi através de um livre apontado (mais uma vez) por Didi.

Na segunda parte tudo se alterou. Os visitantes afoitaram-se mais no ataque e conseguiram marcar um bonito golo de cabeça. A equipa de Fão tentou ripostar mas era bem visível a sua falta de força física em comparação com a do adversário.

Jaime a cumprir castigo, e Flávio a contas com uma lesão, fizeram muita falta ao nosso meio campo. E quando o Merelinense fez o 2.º golo através de uma grande penalidade, que o árbitro talvez não marcasse se fosse a favor dos visitados? Foi a festa para os visitantes que apesar de tudo se revelaram superiores aos seus adversários.

Resta-nos aceitar isto com desportivismo: Se o árbitro foi bonzinho para os forasteiros, na expulsão do nosso guarda-redes cumpriu a lei. Portanto, quando se desconhece as leis do futebol não se barafusta.

No outro jogo fora de casa, a superioridade do Fão foi tão evidente perante um Louisa tão modesto que, apenas nos resta a satisfação de mais uma vitória.

Para o próximo número daremos a classificação final.

## «ÁGUAS DE SERPA PINTO 16 ANOS DE VIDA»

No décimo sexto aniversário desta popular colectividade das Pedreiras, houve festa. No sábado, dia 1 de Junho à tarde, foi proporcionado às crianças participarem em vários jogos tradicionais. Um programa aliciante que teve de ser interrompido por motivo da chuva que apareceu com bas-



Troféus conquistados pelo Águas de Serpa Pinto ao longo da sua actividade

tante intensidade. «Aborrecendo uns mas alegrando outros, neste caso os agricultores».

No domingo, pela manhã, houve jogo de futebol entre casados e solteiros deste clube. Partida renhida muito discutida e que acabou com a vitória dos casados por 2-1. Este jogo realizado no campo do Clube de Futebol de Fão, traz-nos à memória um assunto que já aqui abordamos algumas vezes, e que é a possibilidade desta colectividade ter o seu campo de jogos, mais propriamente o terreno do paúl, privilégio, se é que se pode considerar isso que supomos não iria afectar ninguém, e os dirigentes deste clube até nem pedem muito. Apenas que uma máquina lhes terraplanasse o terreno, e o resto, que não é pouco, faria eles.

Bem, mas voltando à festa, na tarde de domingo, voltaram os jogos tradicionais, com muita gente a participar, e se nas corridas de sacos os mais pequenos foram reis, noutros jogos como o salto ao cântaro os adultos foram superiores. Puderam

Até nos pareceu que o encarregado de subir e descer a corda era mais exigente com os pequenos do que com os grandes, mas como parecer não é o mesmo que ser, ficou só a impressão.

Mas o mais espectacular foi a participação das senhoras neste jogo. Nem na tradicional festa de St.º António alguma vez vimos coisa igual!

Parabéns minhas senhoras!

E como nas Pedreiras é assim, vimos cair dos cântaros 2 galinhas, 1 coelho, 1 galo, 1 garnizé, e nos dois cântaros para a miudagem foi uma chuva tal de chocolates, biscoitos, caramelos, bolachas, que os vencedores foram os que menos

(Cont. na pág. 12)

## O NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:  
Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva  
Maria Emília Corte-Real  
Tia Mariquinhas  
Fernando de Almeida  
Cecília de Amorim  
Dinis de Vilerelho  
José Ramos da Silva  
A. Ramos Assunção  
Quim de Fão  
Agonia Pereira  
João Pedras

PROPRIEDADE:  
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:  
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:  
R. de Cima n.º 5 - Fão  
Telefones 981475 - 982150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:  
BINOGRÁFICA  
Praça João XXIII - Telef. 684318

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:  
Anual..... 750\$00

A cobrança de «O Novo Fangueiro» através dos Correios será por conta do assinante.

**Optica**  
*Oliveira*

ALEIXO FERREIRA, LDA.

B R A G A

**GABINETE DE CONTACTOLOGIA**

SEDE: Rua da Misericórdia, 6 - 12 - Tel. 75777

FILIAL: C. C. Granjinhos, Loja 518 - Piso 2 - Tel. 612933

4700 BRAGA

## Esposende empenhada na luta contra a poluição. Onde se fala de um museu marítimo

No último sábado a Vila de Esposende levou a efeito um colóquio com vista à preservação do meio ambiente.

Não é a primeira vez, nem a segunda nem a terceira que naquele concelho se promovem acções, tendo por lema o combate à poluição, seja do rio ou do mar.

Felizmente que este magno problema começa a preocupar as autarquias e não só: os partidos políticos, associações cívicas como os Rotários e os Lyons e outros organismos têm promovido encontros nos quais se pretende criar uma força de opinião que obstaculize o progressivo envenenamento do universo. Existem já rios e lagos mortos, verifica-se a preocupante existência de grandes buracos de ozono e o mar, os oceanos correm o risco de se transformarem espaços onde a vida se torna impossível.

Desta vez foi o nóvel organismo Forum Esposendense que de parceria com a *Associação Amigos do Mar*, realizou um encontro, no salão paroquial daquela vila, no último sábado «com vista ao conhecimento e estudo da costa marítima em geral e do noroeste em particular».

Estavam poucas pessoas, umas trinta, se tanto, mas todas elas, fortemente empenhadas na luta contra a poluição.

Este terrível flagelo é uma resultante do

progresso, da industrialização acelerada, e ainda e sobretudo duma certa filosofia dos homens de negócio que visam os lucros sem olharem a meios. Felizmente que a nocividade provocada pela evolução tecnológica começa a alertar as mentes mais esclarecidas e a criar ondas de choque que se repercutem nos gabinetes dos responsáveis que, por isso mesmo, são coagidos a tomar apropriadas medidas de defesa.

No referido colóquio, o especialista no assunto, dr. Mário Leitão, com ajuda de *slides*, revelou aspectos da biologia marítima e explicou como se está a processar a desertificação dos oceanos. Talvez com um certo exagero, afirmou que dentro de dez anos o mar corre o risco de ficar sem peixes. Mas a continuarem as agressões a que as águas marítimas vem sendo sujeitas, se não forem 10 anos, serão vinte, serão trinta: o mar acaba por não ter capacidade para se auto-defender.

A esse propósito, o dr. opinou sobre o papel de formação que às escolas cabe desempenhar com vista à consciencialização dos estudantes de hoje, futuros responsáveis de amanhã.

O Presidente do Forum Esposendense referiu-se à empolgante investigação da arqueologia marítima visando a criação de um museu marítimo em Esposende.

## CARTAS AO DIRECTOR

### NUNCA ESCOLHEMOS CAMINHOS QUE TRAZEM CHUVA

Sentimo-nos muito chocados, quando ao folhear o jornal O Novo Fanguero, encontramos e lemos críticas, a quem por Fão tem feito mais do que certos Fangueros «emprestados» como o Sr. Carlos Rodrigues Palma Rios.

Também nos incomodámos porque nunca fomos nem seremos de acomodação fácil, nem aplaudimos quem se acomoda para não se incomodar.

Nós gostámos de ler e reler tudo o que a público se possa levar.

E o que encontramos no «JUDAS»!?

Um presente envenenado, oferecido por alguém que se diz «Fanguero» há trinta anos.

Nós somos Fangueros de verdade há quarenta e um anos. E, como os presentes envenenados não devem ser bebidos até ao fim, também quando se lê páginas envenenadas não há outra solução: vira-se a página.

Esse Senhor, ao escrever no «Novo Fanguero», diz não ter intenção de ridicularizar nem melindrar ninguém, pois todas as pessoas e instituições lhe merecem o maior respeito.

Será isto respeito?

Num espectáculo que é visto e ouvido por toda a gente duma faixa etária (6 anos - 90 anos) variada, terá de haver um pouco de moral ou civismo, para e não se ferir princípios que nos foram ensinados por pais e avós.

Omitimos quadras. É verdade.

Aumentámos a última. É verdade.

Mas agora o povo de Fão que julgue esta pequena amostra de quadras que foram omitidas:

ORA VAMOS COMEÇAR  
OS NOSSOS PREPARATIVOS  
PR'A QUEM QUISER EVITAR  
DEIXO BONS PRESERVATIVOS (91)

AGORA SEM BRINCADEIRAS  
E NÃO ME LEVEM A MAL  
DEIXO ÀS VACAS DAS PEDREIRAS  
PASTAGENS NO CORTINHAL (90)

MERCADO DEIXO EM PRIMEIRA  
VAI CHAMAR-SE MERCADINHO  
ONDE A MULHER FANGUEIRA  
VAI VENDER O SEU PITINHO (90)

SANITÁRIO VOU DEIXAR,  
CONFAI NÃO É LAROTA,  
PARA NÃO TER QUE ANDAR  
A SEGURAR NA «PIXOTA»

ÀS VIBRANTES DAS FANGUEIRAS  
QUE VIBRAM TANTO DE AMORES  
COMO A VIBRAR SÃO PRIMEIRAS  
DEIXO HOMENS VIBRADORES (91)

(Autor: Carlos Palma Rios)

(Continua na pág. 3)

## INCÊNDIO NO HOTEL DO PINHAL

No domingo, 24 de Maio, deflagrou um violento incêndio no Hotel do Pinhal que provocou avultados prejuízos. Seriam umas 11 horas da manhã. Os banhistas que se encontravam na praia de Fão foram alertados por intensas nuvens de fumo que procediam do lado nascente. Onde era o fogo, onde não era, constatou-se de imediato que se tratava de um incêndio no Hotel do Pinhal. Convergiram enorme multidão para aquele local e bem assim várias viaturas dos Bombeiros de Fão e Esposende.

A ala sul daquela unidade hoteleira ardia fragorosamente. Ouviam-se estalos de onde a onde. Os bombeiros, das duas corporações concelbias não tinham mãos a medir.

Começaram a atacar as chamas postando-se estrategicamente: os de Fão, na parte da frente e os de Esposende na zona de trás. Ao todo 70 homens sob o comando de Fernando Pierra (Fão), um carrega piano, vai a todas e faz tudo, e de Hercílio Campos (Esposende), mais discreto, mas também eficiente.

A prioridade dos trabalhos tornou-se clara: evitar que as chamas progredissem sobre o centro e a ala poente do hotel; despejar toneladas de água sobre a zona em chamas. A multidão que se postara em frente ao local do incêndio seguia os trabalhos dos bombeiros com interesse e admiração. Na verdade os soldados da paz revelaram-se disciplinados, incansáveis e muito competentes. Em pouco mais de meia hora terminou o fogo.

★

O proprietário do Hotel, Aníbal Soares, na altura do incêndio encontrava-se em Lisboa. Nesse mesmo dia regressou de avião.

★

A G.N.R. de Esposende que compareceu de imediato no local, dirigiu o trânsito, controlou a entrada dos mirões, enfim prestou um serviço inestimável.

★

Os hóspedes têm-se revelado muito cooperantes e solidários com os seus proprietários. O Hotel continua normalmente a funcionar, apenas com oito quartos a menos.

De referir que os promotores de um congresso dos C.T.T., marcado para esse mesmo dia e seguintes, também fizeram questão de não mudar de sítio.

O NOVO  
FANGUEIRO  
FÃO